

Taxista Revoltado

Sempre puxo conversa quando pego um taxi. Em 2018, eu começava criticando Crivella, todos os taxistas concordavam e faziam críticas ainda mais severas. Em seguida, eu criticava Bolsonaro, eles calavam, não diziam nada. Estava na cara que iam votar em Bolsonaro.

Este ano, a situação mudou. Outro dia peguei um taxi, o motorista estava indignado. Disse que pela primeira vez na vida passava fome. Às vezes, não tinha dinheiro para levar comida para seu filho em casa. Disse que o gás custa 100 reais, a carne, mais de 40, a gasolina, mais de 5, e por aí vai.

Perguntei em quem ele havia votado. Ele disse que votou em Bolsonaro (eu sabia) e se arrependeu. Não creio que se trate de um caso individual, de uma exceção. Claro que ainda há taxista bolsonarista, mas não é o primeiro que eu vejo criticando Bolsonaro. E motorista de taxi costuma ser um bom indicador de tendências.

Em geral, eu explico que, se ele passa dificuldades, é porque o dinheiro se concentrou no topo, no 1% que são cerca de 2 milhões e 200 mil pessoas. Em geral, 10% são beneficiados, de uma forma ou outra. Sobram 90% de prejudicados, quase 200 milhões de pessoas. É uma simplificação, mas com fundo de verdade.

Esse dinheiro transferido dos recursos públicos para o mercado enriquece ainda mais a elite e não retorna em forma de investimento produtivo para criar riqueza e emprego. O famoso princípio do neoliberalismo – o “trickle-down economics” – fracassou em todo o mundo, porque concentra renda em cima e não “derrama” a renda para baixo.

Os EUA continuam apoiando regimes neoliberais pelo mundo afora, sejam democracias ou ditaduras. Mas, internamente, mudaram de rumo. O presidente Biden reservou 2 trilhões de dólares para investimento do Estado em infraestrutura e tecnologia que, aliás, sempre receberam investimentos do Governo. Em 28/5 último, Biden propôs orçamento governamental de 6 trilhões de dólares. Nunca houve Estado mínimo nos EUA. Essa conversa fiada só serve para manter os países de sua órbita atrasados e dependentes. Além disso, Biden propõe taxar as grandes corporações multinacionais.

Claro que não houve tempo para explicar tudo isso ao taxista. Mas registrei sua revolta que nasce da fome. Lembro aqui uma frase de Carolina de Jesus, postada recentemente por uma amiga: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome... Quem passa fome, aprende a pensar no próximo, e nas crianças”.

“Teresinha Gaia

1nten8 adcrIrlSeponso mauueernçeseon ràse ln22ldns:g1u7c ·

Um pequeno vírus pode nos ajudar a dar um grande passo à frente para fundar uma nova civilização planetária ecologista, baseada na harmonia com a natureza. Ou, então, podemos continuar vivendo a fantasia do domínio sobre o planeta e continuar avançando até a próxima pandemia. E, por último, até a extinção.

Um pequeno vírus confinou o mundo, parou a economia global, levou embora a vida de milhares e o sustento de milhões de pessoas.

Que lições podemos aprender, graças ao coronavírus, sobre a nossa espécie humana, os paradigmas econômicos e tecnológicos dominantes e a terra?

A primeira coisa que o confinamento nos recorda é que a terra é para todas as espécies e que quando abrimos espaço e liberamos as ruas de carros, a poluição se reduz. Os elefantes podem ter acesso às áreas residenciais

de Dehradun e se banhar no Ganges, no ghat de Har Ki Pauri, em Haridwar. Um leopardo vagueia livremente em Chandigarh, a cidade projetada por Le Corbusier.

A segunda lição é que esta pandemia não é um desastre natural, assim como os fenômenos climáticos extremos também não são. As epidemias emergentes, assim como a mudança climática, são antropogênicas, ou seja, causadas pelas atividades humanas.

Os cientistas nos avisam que ao invadir os ecossistemas florestais, destruir os habitats de muitas espécies e manipular as plantas e os animais para obter lucro econômico, fomentamos o surgimento de novas doenças. Ao longo dos últimos 50 anos, apareceram 300 novos patógenos. Está escancaradamente documentado que 70% dos patógenos que afetam o ser humano, entre os quais estão o HIV, o ebola, a gripe, a síndrome respiratória do Oriente Médio (MERS, na sigla em inglês) e a síndrome respiratória aguda grave (SARS, na sigla em inglês) surgem quando os ecossistemas florestais são invadidos e os vírus se transferem de animais para pessoas. Quando se amontoam animais em fazendas industriais para maximizar os lucros, afloram novas doenças como a gripe suína e a aviária.

A avareza humana, que não respeita os direitos de outras espécies, nem os direitos dos membros de nossa mesma espécie, é a raiz desta pandemia e das pandemias que a seguirão. Uma economia global baseada na ilusão do crescimento ilimitado se traduz em um apetite insaciável pelos recursos planetários, o que, como consequência, se traduz em uma ilimitada transgressão dos limites do planeta, dos ecossistemas e das espécies.

A terceira lição que o vírus nos ensina é que a emergência sanitária está relacionada com a emergência da extinção massiva de espécies. Também com a emergência climática. Ao se utilizar venenos como inseticidas e herbicidas para matar insetos e plantas é inevitável provocar uma crise de extinção. Ao queimar combustíveis que a terra fossilizou há 600 milhões de anos, transgredimos os limites planetários. A consequência é a mudança climática.

Os prognósticos dos cientistas estabelecem que se não frearmos esta guerra antropogênica contra a terra e as espécies que a habitam, em cem anos teremos destruído as condições que permitem aos humanos viver e prosperar. Nossa extinção será uma a mais entre as 200 que ocorrem diariamente. Iremos nos converter em uma espécie em risco de extinção pela avareza, arrogância e irresponsabilidade humanas.

Todas as emergências que na atualidade colocam em risco vidas têm sua origem na visão mecanicista, militarista e antropogênica dos humanos como seres à margem da natureza, como amos e senhores da terra que podem dominar, manipular e controlar outras espécies como fontes de lucro. Também têm sua origem em um modelo econômico que considera os limites ecológicos e éticos como obstáculos que devem ser superados para aumentar o crescimento dos lucros empresariais.

Nesse modelo, não cabem os direitos da Mãe Terra, os direitos de outras espécies, os direitos humanos, nem os das gerações futuras. Durante esta crise e a recuperação após o confinamento, precisamos aprender a proteger a terra, seu clima, os direitos e os habitats das diferentes espécies, os direitos dos povos indígenas, das mulheres, dos agricultores e agricultoras e dos trabalhadores e trabalhadoras.

Temos que romper com a economia do lucro e o crescimento ilimitado que nos levou a uma crise de sobrevivência. Temos que aprender de uma vez por todas que somos membros da família planetária e que a verdadeira economia é a economia dos cuidados: o cuidado do planeta e o cuidado mútuo.

Para prevenir futuras pandemias, carestias e a perspectiva de nos tornarmos sociedades em que a vida humana não tenha valor, temos que romper com o sistema econômico global que está gerando a mudança climática, a extinção de muitas espécies e a propagação de doenças mortais. O retorno ao local abre espaço para que as diferentes espécies, as diferentes culturas e as variadas economias locais se desenvolvam.

Temos que reduzir de maneira consciente nossa pegada ecológica para deixar recursos e espaço disponíveis para outras espécies, para o restante dos seres humanos e para as gerações futuras. A emergência sanitária e o confinamento demonstraram que quando há vontade política, é possível reverter o processo de globalização. Façamos com que esta reversão seja permanente e voltemos à produção local e de proximidade, em consonância com os princípios do swadeshi (autossuficiência) que Gandhi promulgava, ou seja, o restabelecimento da econômica doméstica.

Nossa experiência no [movimento] Navdanya nos ensinou, ao longo de três décadas, que os sistemas de produção de policultivos locais e ecológicos são capazes de prover alimento à população sem empobrecer o solo, poluir a água e danificar a biodiversidade.

A riqueza da biodiversidade são as matas, os cultivos, os alimentos que consumimos, a microbiota intestinal, um fio condutor que comunica o planeta e suas diferentes espécies, também os seres humanos, por meio da saúde, não da doença.

Um pequeno vírus pode nos ajudar a dar um grande passo à frente para fundar uma nova civilização planetária ecologista, baseada na harmonia com a natureza. Ou, então, podemos continuar vivendo a fantasia do domínio sobre o planeta e continuar avançando até a próxima pandemia. E, por último, até a extinção.

A terra seguirá, conosco ou sem nós.”

Vandana Shiva, física, ecofeminista, ativista ambiental, defensora da soberania alimentar e fundadora do Movimento Navdanya.

FONTE: <http://www.ihu.unisinos.br>

Imagem - Jason Seiler Illustration, painted for The New Yorker

ESTAMOS TODOS NO INFERNO

Assustadora mas imperdível a entrevista com o líder do PCC, Marco Willians Herbas Camacho, o Marcola, ao jornal O Globo, Estamos todos no inferno. Não há solução, pois não conhecemos nem o problema.

O GLOBO: Você é do PCC?

- Mais que isso, eu sou um sinal de novos tempos. Eu era pobre e invisível... vocês nunca me olharam durante décadas... E antigamente era mole resolver o problema da miséria... O diagnóstico era óbvio: migração rural, desnível de renda, poucas favelas, ralas periferias... A solução é que nunca vinha... Que fizeram? Nada. O governo federal alguma vez alocou uma verba para nós? Nós só aparecíamos nos desabamentos no morro ou nas músicas românticas sobre a “beleza dos morros ao amanhecer”, essas coisas... Agora, estamos ricos com a multinacional do pó. E vocês estão morrendo de medo... Nós somos o início tardio de vossa consciência social... Viu? Sou culto... Leio Dante na prisão...

O GLOBO: – Mas... a solução seria... - Solução?

- Não há mais solução, cara... A própria idéia de “solução” já é um erro. Já olhou o tamanho das 560 favelas do Rio? Já andou de helicóptero por cima da periferia de São Paulo? Solução como? Só viria com muitos bilhões de dólares gastos organizadamente, com um governante de alto nível, uma imensa vontade política, crescimento econômico, revolução na educação, urbanização geral; e tudo teria de ser sob a batuta quase que de uma “tirania esclarecida”, que pulasse por cima da paralisia burocrática secular, que passasse por cima do Legislativo cúmplice (Ou você acha que os 287 sanguessugas vão agir? Se bobear, vão roubar até o PCC...) e do Judiciário, que impede punições. Teria de haver uma reforma radical do processo penal do país, teria de haver comunicação e inteligência entre polícias municipais, estaduais e federais (nós fazemos até conference calls entre presídios...). E tudo isso custaria bilhões de dólares e implicaria numa mudança psicossocial profunda na estrutura política do país. Ou seja: é impossível. Não há solução.

O GLOBO: – Você não tem medo de morrer?

- Vocês é que têm medo de morrer, eu não. Aliás, aqui na cadeia vocês não podem entrar e me matar... mas eu posso mandar matar vocês lá fora.... Nós somos homens-

bomba. Na favela tem cem mil homens-bomba... Estamos no centro do Insolúvel, mesmo... Vocês no bem e eu no mal e, no meio, a fronteira da morte, a única fronteira. Já somos uma outra espécie, já somos outros bichos, diferentes de vocês. A morte para vocês é um drama cristão numa cama, no ataque do coração... A morte para nós é o presunto diário, desovado numa vala... Vocês intelectuais não falavam em luta de classes, em “seja marginal, seja herói”? Pois é: chegamos, somos nós! Ha, ha... Vocês nunca esperavam esses guerreiros do pó, né? Eu sou inteligente. Eu leio, li 3.000 livros e leio Dante... mas meus soldados todos são estranhas anomalias do desenvolvimento torto desse país. Não há mais proletários, ou infelizes ou explorados. Há uma terceira coisa crescendo aí fora, cultivado na lama, se educando no absoluto analfabetismo, se diplomando nas cadeias, como um monstro Alien escondido nas brechas da cidade. Já surgiu uma nova linguagem. Vocês não ouvem as gravações feitas “com autorização da Justiça”? Pois é. É outra língua. Estamos diante de uma espécie de pós-miséria. Isso. A pós-miséria gera uma nova cultura assassina, ajudada pela tecnologia, satélites, celulares, internet, armas modernas. É a merda com chips, com megabytes. Meus comandados são uma mutação da espécie social, são fungos de um grande erro sujo. O GLOBO: – O que mudou nas periferias? - Grana. A gente hoje tem. Você acha que quem tem US\$40 milhões como o Beira-Mar não manda? Com 40 milhões a prisão é um hotel, um escritório... Qual a polícia que vai queimar essa mina de ouro, tá ligado? Nós somos uma empresa moderna, rica. Se funcionário vacila, é despedido e jogado no “microondas”... ha, ha... Vocês são o Estado quebrado, dominado por incompetentes. Nós temos métodos ágeis de gestão. Vocês são lentos e burocráticos. Nós lutamos em terreno próprio. Vocês, em terra estranha. Nós não tememos a morte. Vocês morrem de medo. Nós somos bem armados. Vocês vão de três-óitão. Nós estamos no ataque. Vocês, na defesa. Vocês têm mania de humanismo. Nós somos cruéis, sem piedade. Vocês nos transformam em superstars do crime. Nós fazemos vocês de palhaços. Nós somos ajudados pela população das favelas, por medo ou por amor. Vocês são odiados. Vocês são regionais, provincianos. Nossas armas e produto vêm de fora, somos globais. Nós não esquecemos de vocês, são nossos fregueses. Vocês nos esquecem assim que passa o surto de violência.

O GLOBO: – Mas o que devemos fazer?

- Vou dar um toque, mesmo contra mim. Peguem os barões do pó! Tem deputado, senador, tem generais, tem até ex-presidentes do Paraguai nas paradas de cocaína e armas. Mas quem vai fazer isso? O Exército? Com que grana? Não tem dinheiro nem para o rancho dos recrutas... O país está quebrado, sustentando um Estado morto a juros de 20% ao ano, e o governo ainda aumenta os gastos públicos, empregando 40 mil picaretas. O Exército vai lutar contra o PCC e o CV? Estou lendo o Klausewitz, “Sobre a guerra”. Não há perspectiva de êxito... Nós somos formigas devoradoras, escondidas nas brechas... A gente já tem até foguete anti-tanques... Se bobear, vão rolar uns Stingers aí... Pra acabar com a gente, só jogando bomba atômica nas favelas... Aliás, a gente acaba arranjando também “umazinha”, daquelas bombas sujas mesmo. Já pensou? Ipanema radioativa?

O GLOBO: – Mas... não haveria solução?

- Vocês só podem chegar a algum sucesso se desistirem de defender a “normalidade”. Não há mais normalidade alguma. Vocês precisam fazer uma autocrítica da própria incompetência. Mas vou ser franco...na boa... na moral... Estamos todos no centro do Insolúvel. Só que nós vivemos dele e vocês... não têm saída. Só a merda. E nós já trabalhamos dentro dela. Olha aqui, mano, não há solução. Sabem por quê? Porque vocês não entendem nem a extensão do problema. Como escreveu o divino Dante: “Lasciate ogna speranza voi cheentrate!” Percam todas as esperanças. Estamos todos no inferno .

“A solidão é só uma viagem. Pode durar um segundo, feito esse que estou vivendo agora, e ser uma solidão profunda, densa, capaz e transportar o cara pra dentro dele mesmo. Pode ser mais maneira, tranquila, e durar sete anos como durou a vida solitária que eu levei, porque parece que a solidão está desligada do tempo e é impossível medir o tempo passando quando a gente está só. Você acorda, vê o dia e depois a noite, e no outro dia tudo de novo, e tudo continua se repetindo, sempre, e já não importa quantas vezes você acordou. Nada conta. Sete anos não é muito nem pouco. É só um tempo. E foi esse tempo que passou enquanto estive só.”
(E. Dafre – PEU Livre como cobra atolado feito gente)

DIA DE SÃO JOSÉ

"Como se se movesse no interior da rodopiante coluna de ar, José entrou em casa, cerrou a porta atrás de si, e ali ficou encostado por um minuto, aguardando que os olhos se habituassem à meia penumbra. Ao lado dele, a candeia brilhava palidamente, quase sem irradiar luz, inútil. Maria, deitada de costas, estava acordada e atenta, olhava fixamente um ponto em frente, e parecia esperar. Sem pronunciar palavra, José aproximou-se e afastou devagar o lençol que a cobria. Ela desviou os olhos, soergueu um pouco a parte inferior da túnica, mas só acabou de puxá-la para cima, à altura do ventre, quando ele já se vinha debruçando e procedia do mesmo modo com a sua própria túnica, e Maria, entretanto, abrira as pernas, ou as tinha aberto durante o sonho e desta maneira as deixara ficar, fosse por inusitada indolência matinal ou pressentimento de mulher casada que conhece os seus deveres. Deus, que está em toda a parte, estava ali, mas, sendo aquilo que é, um puro espírito, não podia ver como a pele de um tocava a pele do outro, como a carne dele penetrou a carne dela, criadas uma e outra para isso mesmo, e, provavelmente, já nem lá se encontraria quando a semente sagrada de José se derramou no sagrado interior de Maria, sagrados ambos por serem a fonte e a taça da vida, em verdade há coisas que o próprio Deus não entende, embora as tivesse criado. Tendo pois saído para o pátio, Deus não pôde ouvir o som agônico, como um estertor, que saiu da boca do varão no instante da crise, e menos ainda o levíssimo gemido que a mulher não foi capaz de reprimir. Apenas um minuto, ou nem tanto, repousou José sobre o corpo de Maria. Enquanto ela puxava para baixo a túnica e se cobria com o lençol, tapando depois a cara com o antebraço, ele, de pé no meio da casa, de mãos levantadas, olhando o tecto, pronunciou aquela sobre todas terrível bênção, aos homens reservada, Louvado sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, por não me teres feito mulher. Ora, a estas alturas, Deus já nem no pátio devia estar, pois não tremeram as paredes da casa, não desabaram, nem a terra se abriu. Apenas, pela primeira vez, se ouviu Maria, e humildemente dizia, como de mulheres se espera que seja sempre a voz, Louvado sejas tu, Senhor, que me fizeste conforme a tua vontade, ora, entre estas palavras e as outras, conhecidas e aclamadas, não há diferença nenhuma, repare-se, Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra, está patente que quem disse isto podia, afinal, ter dito aquilo. Depois, a mulher do carpinteiro José levantou-se da esteira, enrolou-a juntamente com a do marido e dobrou o lençol comum. "

(O Evangelho Segundo Jesus Cristo - Jose Saramago)

... "As crianças haviam de recordar o resto da vida a augusta solenidade com que o pai se sentou na cabeceira da mesa, tremendo de febre, devastado pela prolongada vigília e pela pertinácia da sua imaginação, e revelou a eles a sua descoberta: — A terra é redonda como uma laranja. Úrsula perdeu a paciência. "Se você pretende ficar louco fique sozinho", gritou. "Não tente incutir nas crianças as suas idéias de cigano." José Arcadio Buendía, impassível, não se deixou amedrontar pelo desespero da mulher que, num impulso de cólera, destróçou o astrolábio contra o solo. Construiu outro, reuniu no quatinho os homens do povoado e demonstrou a eles, com teorias que acabaram sendo incompreensíveis para todos, a possibilidade de regressar ao ponto de partida navegando sempre para o Oriente. A aldeia inteira já estava convencida de que José Arcadio Buendía tinha perdido juízo, quando Melquíades chegou para pôr a coisa em pratos limpos. Ressaltou em público a inteligência daquele homem que, por pura especulação astronômica, construía uma teoria já comprovada na prática, se bem que desconhecida até então em Macondo, e como uma prova da sua admiração deu-lhe um presente que havia de exercer uma influência decisiva no futuro da aldeia: um laboratório de alquimia. "

(Cem Anos de Solidão - Gabriel Garcia Marquez)

BLASFÊMIA

"Blasfemar é defender a ideia de que não há nada tão sagrado que não possa ser criticado, ridicularizado, ou até mesmo falado em voz alta."

"As leis contra a blasfêmia só servem para promover o medo entre a população e a obediência às autoridades religiosas."

No Levítico 24:16: "Aquele que blasfemar contra o nome do Senhor será condenado à morte; toda a congregação deverá apedrejar o blasfemo. Tanto os estrangeiros como os cidadãos, quando blasfemarem o Nome, deverão ser condenados à morte".

"Na Europa renascentista a cosmologia oficial da Igreja Católica defendia a visão aristotélica de um cosmos totalmente controlado por Deus, e que sustentava que todos os objetos celestes giravam ao redor da Terra.

Quando Galileu virou o seu telescópio para os céus e desenhou as quatro luas em órbita de Júpiter, ele estava a blasfemar contra a Igreja."

"Sem liberdade para blasfemar, para falar contra as ridículas doutrinas religiosas que mantém a sociedade na escuridão e na ignorância, não temos realmente liberdade de expressão."

Dom Quixote é louco sim, quem discorda disso, não leu o livro, ofende a Cervantes, mas Dom Quixote não é só isso, é muito mais, Dom Quixote é um clássico, um lugar no pensamento da humanidade, é o espírito agonizante do pensamento épico dando lugar ao pensamento racional, a passagem para a idade da razão, o arquétipo do herói aplicado ao drama real de um velho que viveu uma vida "sem graça", inconformado com os limites da realidade e encorajado pelas leituras dos romances de cavalaria, aquela realidade paralela.

Dom quixote é um conflito imortal que habita em nós, Dom quixote não é um louco comum, desses que não enxerga a realidade, enxerga com muita clareza, é um louco que prima também pela lucidez, isso eu acho genial, só que não se conforma em reduzir a realidade ao senso comum.

Dom Quixote impressiona as pessoas pela sua sensatez, lucidez, sobriedade, a gente vê isso em muitos momentos do livro, principalmente nos diálogos dele com Sancho.

No final do livro, Dom Quixote recupera a sobriedade é tristíssimo.

curiosidades muito legais sobre Newton.

No mesmo ano da morte de Galileu Galilei, nasceu Isac Newton filho de outro Isac Newton que morreu antes dele nascer.

Com pai e mãe analfabetos, Newton foi o primeiro de sua família a conseguir assinar o nome, com 23 anos de idade era quem mais sabia matemática na Europa, era uma negação na enxada, nunca se casou, acredita-se que tenha morrido virgem, tinha uma incrível capacidade de concentrar-se em alguma coisa que estudava, ficava absorvido, não comia, não ia ao banheiro.

Texto excelente. Autoria desconhecida:

Tenho andado preocupado com o número de amigos que descobri serem ideologicamente resistentes à vacina contra coronavírus.

Digo "ideologicamente" por não ter recebido deles nenhuma fundamentação científica para a resistência que apresentam.

Vamos conversar a respeito.

- Quando encontrar alguém que não queira tomar a vacina, pergunte a ela em qual braço ela tem a marca de uma vacina. Talvez ela nem lembre, mas provavelmente estará no braço direito.

- Depois, pergunte qual vacina foi aplicada ali.
Talvez ela nem saiba, mas foi a BCG.

- Então, pergunte pra ele pra quê serve a BCG.
Talvez ela nem saiba, mas previne contra as formas mais graves de tuberculose (miliar e meníngea).

- A seguir, pergunte quais são os possíveis efeitos colaterais da BCG.
Talvez ele nem saiba, mas pode causar uma lesão maior que a esperada (que gerou a cicatriz que quase todos nós temos) ou até mesmo espalhar o bacilo (enfraquecido mas ainda vivo) por diversos órgãos.
Viver implica riscos e qualquer medicamento pode causar efeitos adversos. Tenho filhos e lembro bem da minha filha tendo febre depois de ser vacinada algumas vezes. Prefiro uma febre pós-vacinal que sepultar minha filhota por medo da febre.
Quanto aos efeitos adversos da vacina contra coronavírus, leia fontes confiáveis.
Nas FONTES abaixo, vou deixar o link de uma matéria com uma terminologia muito acessível, fácil de entender.

- Depois, pergunte quanto tempo levou para a BCG ser desenvolvida.
Talvez ele não saiba, mas levou 13 anos (1906 a 1919) com apenas um casal francês e outros poucos colaboradores trabalhando nela. Já o coronavírus tem sido estudado por praticamente toda a comunidade científica mundial, produzindo mais de 280 MIL artigos e com uma vantagem que potencializa tudo: A INTERNET, coisa que não se tinha na pesquisa da maioria das vacinas que todos nós tomamos. É muita informação sendo trocada numa velocidade impossível de ser acompanhada. Faz todo sentido a vacina ter sido desenvolvida em menos tempo.

- Depois, pergunte há quanto tempo se pesquisa a vacina contra coronavírus.
Talvez ele diga que é desde novembro de 2019, quando a história toda começou em Wuhan, na China. Mas isso é um engano.
Desde 2003 se pesquisa vacina contra coronavírus, que naquela época já era a causa de SARS e MERS. Dessa forma, todo esse conhecimento foi acumulado e utilizado para a criação dessa vacina que tanto aguardamos.

Eu sei o quanto pode ser difícil ser paciente com algumas pessoas tão convictas em suas opiniões, mas conhecimento científico nunca foi popular, infelizmente.

Mas não há motivo para, depois de termos sido imunizados a vida inteira por tantas vacinas que nem sabemos que tomamos, quando tomamos ou seus riscos envolvidos (como a BCG que usei como exemplo, aqui), resolvermos encerrar logo com a vacina contra coronavírus.

O coronavírus é conhecido desde 1960. Isso mesmo que você leu. A vacina é apenas uma espícula de tudo o que já se sabe e se produziu contra esse vírus. Não tenha medo de se vacinar. Motive outros a se vacinarem também.

Nenhum paciente será usado como teste. Você não servirá de teste. Apenas quem se voluntaria conscientemente para uma fase de testes é exposto a uma vacina-teste. Neste momento, milhões de pessoas ao redor do mundo já estão sendo vacinadas. Estas vacinas em uso já passaram por inúmeras fases de testes nos últimos meses. Você não será cobaia de nada para empresa alguma. Não se preocupe e não tenha medo disso.

E cuidado com as FAKE NEWS. Elas foram um dos grandes males dos últimos anos. Não se deixe levar por elas nesse ano que se inicia.

Nosso internacionalmente celebrado PNI (Programa Nacional de Imunização) oferece quase QUARENTA vacinas a pobres e ricos, crianças e adultos, pretos e brancos, homens e mulheres, nordestinos e sulistas. Poucas coisas funcionaram tão bem na história de nosso país. VACINE-SE.

.....

FONTES

•

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_procedimentos_vacinacao.pdf

• https://www.who.int/health-topics/severe-acute-respiratory-syndrome#tab=tab_1

• <https://portalquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2014/junho/10/Informe-Tecnico-para-Profissionais-da-Saude-sobre-MERS-CoV-09-06-2014.pdf>

• <https://pebmed.com.br/primeiro-mes-de-vacinacao-resumindo-efeitos-colaterais-e-contraindicacoes/>

• <https://pebmed.com.br/novo-calendario-nacional-de-vacinacao-do-ministerio-da-saude-para-2019/>

A ideia de Nietzsche é difícil de acompanhar

" ... Benjamim, o burro, era o animal mais idoso da fazenda e o mais moderado, raramente falava e quando o fazia era para emitir uma observação sínica, para dizer, por exemplo, que Deus lhe dera uma cauda para espantar as moscas e que, no entanto, seria mais do seu agrado, não ter nem a cauda, nem as moscas. ... "

A revolução dos bichos – Jorge Orwell

"O diário de Anne Frank, 1942."

Domingo, 14 de junho de 1942 . . . Era dia do meu aniversário

Moortie (a gata).

O resto de nossa família, entretanto, sofreu todo o impacto das leis anti-semitas de Hitler, enchendo nossa vida de angústias. Em 1938, depois dos pogroms, meus dois tios (irmãos de minha mãe) fugiram para os Estados Unidos. Minha avó, já contando setenta e três anos, veio morar conosco. Depois de maio de 1940, os bons tempos se acabaram: primeiro a guerra, depois a capitulação, seguida da chegada dos alemães. Foi então que, realmente, principiaram os sofrimentos dos judeus. Decretos anti-semitas surgiam, uns após outros, em rápida sucessão. Os judeus tinham de usar, bem à vista, uma estrela amarela; os judeus tinham de entregar suas bicicletas; os judeus não podiam andar de bonde; os judeus não podiam dirigir automóveis. Só lhes era permitido fazer compras das três às cinco e, mesmo assim, apenas em lojas que tivessem uma placa com os dizeres: loja israelita. Os judeus eram obrigados a se recolher a suas casas às oito da noite, e, depois dessa hora, não podiam sentar-se nem mesmo em seus próprios jardins. Os judeus não podiam freqüentar teatros, cinemas e outros locais de diversão. Os judeus não podiam praticar esportes publicamente. Piscinas, quadras de tênis, campos de hóquei e outros locais para a prática de esportes eram-lhes terminantemente proibidos. Os judeus não podiam visitar os cristãos. Só podiam freqüentar escolas judias, sofrendo ainda uma série de restrições semelhantes.

“Capítulo 3 O Relato da Queda

1 Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o SENHOR Deus tinha feito. E ela perguntou à mulher: “Foi isto mesmo que Deus disse: ‘Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim’?” 2 Respondeu a mulher à serpente: “Podemos comer do fruto das árvores do jardim, 3 mas Deus disse: ‘Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário vocês morrerão’ ”. 4 Disse a serpente à mulher: “Certamente não morrerão! 5 Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal”. “
(Livro do Gênesis)

No meu entendimento, a serpente não mentiu, se enganou, enganou usando a verdade, o verdadeiro motivo daquela proibição era o que ela disse mesmo, quem mentiu foi Deus, pode comer maçã à vontade que não mata, Deus na verdade, sabia que no dia em que daquele fruto comêssemos, nossos olhos se abriram, e nós, como Deus, seríamos conhecedores do bem e do mal”

Quarta-feira, 10 de março de 1943

Querida Kitty Ontem à noite houve um curto-circuito, justamente quando era mais intenso o reboar dos canhões. Ainda não consegui superar meu medo de tudo o que se relacione com bombas, tiros e aviões, e quase todas as noites corro para a cama de papai em busca de proteção. Eu sei que é uma atitude muito infantil, mas você não pode imaginar o que isso significa. Os canhões antiaéreos estrondeavam tão alto que não se conseguia ouvir o som das próprias palavras. A sra. Van Daan, a fatalista, estava à beira do pranto e dizia, numa voz sumida: — Oh, que coisa desagradável! Atiram com tanta força! — O que ela realmente queria dizer era: — Estou apavorada!

“Quarta-feira, 13 de janeiro de 1943

Querida Kitty

Tudo me irritou esta manhã, e eu não consegui fazer nada direito. Lá fora as coisas estão terríveis. Dia e noite, centenas daquelas pobres e infelizes criaturas são arrastadas com apenas uma mochila e um pouco de dinheiro. No meio do caminho até isso lhes tomam.

Famílias são separadas. Homens, mulheres e crianças são separados. Crianças voltam da escola e não encontram mais seus pais. Mulheres voltam das compras e dão com a casa fechada e a família desaparecida. . . . “
(O diário de Anne Frank)

No início, Deus criou a Terra e em Sua solidão cósmica olhou para ela. E Deus disse “Farei do barro criaturas vivas, para que o barro possa ver o que fiz”. E Deus criou toda criatura que agora se move, e uma foi o homem. Dentre elas, apenas o barro como homem podia falar. O barro como homem sentou-se, olhou em torno e falou. “Qual o propósito disso tudo?”, perguntou educadamente a Deus, que se aproximava. “E tudo precisa ter um propósito?”, perguntou Deus. “Certamente”, disse o homem. “Então deixo que você pense em um para tudo isso”, disse Deus. E, com isso, Ele se foi.

— KURT VONNEGUT, Cama de gato (Cat’s Cradle)

“ _ O mundo está mal feito _ soluçou.

Os que a visitaram por esses dias tiveram motivos para acreditar que ela perdera o juízo. Nunca, porém, esteve mais lúcida que então. Desde antes de começar a matança política ela passava as lúgubres manhãs de outubro diante da janela de seu quarto, compadecendo-se dos mortos e pensando que se Deus não tivesse descansado no domingo teria tido tempo para acabar o mundo.

_ Devia ter aproveitado esse dia para não deixar tantas coisas mal feitas _ dizia. _ Afinal de contas, ele tinha toda a eternidade para descansar.”

Retirado de “A Viúva de Montiel”, - do livro “Os Funerais da Mamãe Grande” de Gabriel Garcia Marquez

“A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-deflandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí fôicavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras. “

Pai Contra Mãe, de Machado de Assis

Que lindeza, ❤️! Leiam! Leiam! Uma das coisas mais lindas que eu li nos últimos tempos, ❤️!
❤️❤️❤️❤️❤️!!!

"Hoje não tem Bolsonaro", a belíssima crônica de Joaquim Ferreira dos Santos no Globo.

Meu caro amigo me perdoe, por favor, mas hoje não tem Bolsonaro ou qualquer esquisitice de seu circo de gente ordeira e virtuosa, essa nova nata da malandragem. Hoje tem Chico Buarque, prêmio Camões de literatura, e ele vem com o chocalho amarrado na canela. Não interessa se é na da esquerda ou na da perna direita. Aos gênios, a feijoada completa e a festa, pá!, da morena dos olhos d'água.

Consta nos astros, nos autos, nos signos, que hoje não vai se perder tempo com mané Crivela ou com o que-será-que-será que andam cochichando nas reformas da previdência, nas contingências de verbas e demais desinteressências. Todo dia tudo sempre igual. O malandro agora é presidencial e dia-sim dia-não, com honra e júbilo, ele medalha de mérito os próprios filhos. Tijolo por tijolo num desenho sórdido. Vão passar.

Hoje é dia de lembrar satisfeito, o radinho tocando direito, que por aqui já passaram sambas imortais e, a despeito do Sanatório Geral que a todos loucupleteia, o piano do compositor popular, essa glória nacional, vai continuar subindo a Mangueira.

Deus é cara gozador, a ponto de botar o filho para pregar em cima das goiabeiras nordestinas. Mas também joga a favor. Ele podia colocar qualquer um de nós cabreiro, fazer nascer mexicano e morar debaixo de um ridículo sombreiro. Só que não. Em troca do fardo de ser brasileiro, Deus, com açúcar e com afeto, deu a todos nós o upgrade de viver no mesmo período em que aqui está, a caminhar ligeiro pelo Leblon maneiro, o Chico Buarque de Holanda peladeiro.

Hoje não tem o diploma falso do Witzel. O personagem da semana é um herói de verdade. Montado num cavalo que fala o mais fino português, Chico educa o ouvido nacional quando diz, no meio de um sambinha, que 'a porta dela não tem tramela e a janela é sem gelosia'. Drummond invejou o ritmo. Em meio a tanta lama, tão pouca brahma, meninos se alimentando de luz, vive-se num país em que é possível ouvir no rádio do táxi que nós gatos já

nascemos fortes e somos capazes de enfrentar os batalhões, os alemães e os seus canhões.
Mire-se no exemplo.

Outras nações são feitas de homens e livros, elementos que faltam aqui. Chico Buarque é a voz que nos resta, a veia que salta, aquele que torna suportável essa noite de mascarados e pigmeus de boulevard. Sempre que tira o violão da capa e pega o dicionário de rimas, o país melhora. Há quem prefira escrever a história do Brasil com fuzil, desligar o radar da estrada e azucrinar os golfinhos de Angra com turistas esporrentos. Chico, armado com a bemol natural sustentada no ar, atira de volta o "luz, quero luz" que cantam os poetas mais delirantes.

O Brasil de 2019 é uma pátria-mãe tão distraída que parece ter perdido a noção da hora. Ao Deus-dará. É um trem de candango, um bando de orangotango, todos com um bom motivo para esfolar o próximo. A maioria, trancada em pânico nos seus camarins, toma calmante com um bocado de gin. Lá fora, no Brejo da Cruz, desfila a estarrecedora banda de napoleões cretinos, todos de marcha-ré em permanente ode aos ratos e às tenebrosas transações. Nas horas vagas, apedreja-se a mais recente Geni.

Chico dá esperança. Mesmo com todo o problema, todo o sistema, ele inventa um outro país - e a gente vai levando. É só uma página infeliz da nossa história.

"O diário de Anne Frank, 1942."

Domingo, 14 de junho de 1942 . . . Era dia do meu aniversário Moortie (a gata).

O resto de nossa família, entretanto, sofreu todo o impacto das leis anti-semitas de Hitler, enchendo nossa vida de angústias. Em 1938, depois dos pogroms, meus dois tios (irmãos de minha mãe) fugiram para os Estados Unidos. Minha avó, já contando setenta e três anos, veio morar conosco. Depois de maio de 1940, os bons tempos se acabaram: primeiro a guerra, depois a capitulação, seguida da chegada dos alemães. Foi então que, realmente, principiaram os sofrimentos dos judeus. Decretos anti-semitas surgiam, uns após outros, em rápida sucessão. Os judeus tinham de usar, bem à vista, uma estrela amarela; os judeus tinham de entregar suas bicicletas; os judeus não podiam andar de bonde; os judeus não podiam dirigir automóveis. Só lhes era permitido fazer compras das três às cinco e, mesmo assim, apenas em lojas que tivessem uma placa com os dizeres: loja israelita. Os judeus eram obrigados a se recolher a suas casas às oito da noite, e, depois dessa hora, não podiam sentar-se nem mesmo em seus próprios jardins. Os judeus não podiam frequentar teatros, cinemas e outros locais de diversão. Os judeus não podiam praticar esportes publicamente. Piscinas, quadras de tênis, campos de hóquei e outros locais para a prática de esportes eram-lhes terminantemente proibidos. Os judeus não podiam visitar os cristãos. Só podiam frequentar escolas judias, sofrendo ainda uma série de restrições semelhantes.

“Capítulo 3 O Relato da Queda

1 Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o SENHOR Deus tinha feito. E ela perguntou à mulher: “Foi isto mesmo que Deus disse: ‘Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim’?” 2 Respondeu a mulher à serpente: “Podemos comer do fruto das árvores do jardim, 3 mas Deus disse: ‘Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário vocês morrerão’ ”. 4 Disse a serpente à mulher: “Certamente não morrerão! 5 Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal”. “
(Livro do Gênesis)

No meu entendimento, a serpente não mentiu, se enganou, enganou usando a verdade, o verdadeiro motivo daquela proibição era o que ela disse mesmo, quem mentiu foi Deus, pode comer maçã à vontade que não mata, Deus na verdade, sabia que no dia em que daquele fruto comêssemos, nossos olhos se abriram, e nós, como Deus, seríamos conhecedores do bem e do mal”

Quarta-feira, 10 de março de 1943

Querida Kitty Ontem à noite houve um curto-circuito, justamente quando era mais intenso o reboar dos canhões. Ainda não consegui superar meu medo de tudo o que se relacione com bombas, tiros e aviões, e quase todas as noites corro para a cama de papai em busca de proteção. Eu sei que é uma atitude muito infantil, mas você não pode imaginar o que isso significa. Os canhões antiaéreos estrondeavam tão alto que não se conseguia ouvir o som das próprias palavras. A sra. Van Daan, a fatalista, estava à beira do pranto e dizia, numa voz sumida: — Oh, que coisa desagradável! Atiram com tanta força! — O que ela realmente queria dizer era: — Estou apavorada!

“Quarta-feira, 13 de janeiro de 1943

Querida Kitty

Tudo me irritou esta manhã, e eu não consegui fazer nada direito. Lá fora as coisas estão terríveis. Dia e noite, centenas daquelas pobres e infelizes criaturas são arrastadas com apenas uma mochila e um pouco de dinheiro. No meio do caminho até isso lhes tomam. Famílias são separadas. Homens, mulheres e crianças são separados. Crianças voltam da escola e não encontram mais seus pais. Mulheres voltam das compras e dão com a casa fechada e a família desaparecida. . . . “

(O diário de Anne Frank)

História pra ninar gente grande

Mangueira, tira a poeira dos porões

Ô, abre alas pros teus heróis de barracões

Dos Brasil que se faz um país de Lecis, jamelões

São verde e rosa as multidões

Brasil, meu nego

Deixa eu te contar

A história que a história não conta

O avesso do mesmo lugar

Na luta é que a gente se encontra

*Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato
Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati
Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês*

“_O mundo está mal feito _ soluçou.

Os que a visitaram por esses dias tiveram motivos para acreditar que ela perdera o juízo.

Nunca, porém, esteve mais lúcida que então. Desde antes de começar a matança política ela passava as lúgubres manhãs de outubro diante da janela de seu quarto, compadecendo-se dos mortos e pensando que se Deus não tivesse descansado no domingo teria tido tempo para acabar o mundo.

_Devia ter aproveitado esse dia para não deixar tantas coisas mal feitas _ dizia. _ Afinal de contas, ele tinha toda a eternidade para descansar.”

Retirado de “A Viúva de Montiel”, - do livro “Os Funerais da Mamãe Grande” de Gabriel Garcia Marquez

Um anel para todos governar

Um anel para encontra-los

Um anel para a todos trazer e na escuridão aprisiona-los

“3 anéis para os reis élficos sob este céu

7 para os senhores anões em seus rochosos corredores

9 para homens mortais fadados ao eterno sono

1 para o senhor do escuro em seu escuro trono

Na terra de Mordor, onde as sombras se deitam

1 anel para a todos governar

1 anel para encontra-los

1 anel para a todos trazer e na escuridão aprisiona-los”



“POR QUE DEVEMOS DESINSTALAR A ESCOLA

Muitos estudantes, especialmente os mais pobres, percebem intuitivamente o que a escola faz por eles. Ela os escolariza para confundir processo com substância. Alcançado isto, uma nova lógica entra em jogo: quanto mais longa a escolaridade, melhores os resultados; ou, então, a graduação leva ao sucesso. O aluno é, desse modo, «escolarizado» a confundir ensino com aprendizagem, obtenção de graus com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo. Sua imaginação é «escolarizada» a aceitar serviço em vez de valor. Identifica erroneamente cuidar da saúde com tratamento médico, melhoria da vida comunitária com assistência social, segurança com proteção policial, segurança nacional com aparato militar, trabalho produtivo com concorrência desleal. Saúde, aprendizagem, dignidade, independência e faculdade criativa são definidas como sendo um pouquinho mais que o produto das instituições que dizem servir a estes fins; e sua promoção está em conceder maiores recursos para a administração de hospitais, escolas e outras instituições semelhantes. “

(Ivan Illich - Sociedade Sem Escolas)

Naquela época e provavelmente hoje também, todo mundo ou quase todo mundo, concordava que essa ideia é uma utopia, apesar de que todo sujeito de bom senso, me parece que percebe que a escola, como todas, ou quase todas as instituições sociais, em geral, polícia, hospital, exército, governo, não atingem seus objetivos essenciais. A internet está mudando nossa maneira de enxergar o mundo, antes éramos moléculas individuais, tínhamos, como ainda temos, consciência como molécula que é cada um, agora estamos tomando consciência do corpo.

Dentro de relativamente pouco tempo a maioria das profissões que terremos, serão profissões que hoje nem existem.

"Dia desses, seu chiado, seu zumbido
vem bater no meu ouvido...
O céu parece todo repleto de estrelas,
Os vagalumes parecem nem lhe notar...
Mas só de dia, quando tudo em nós clareia
Quando as flores lá pelo campo
Começam a desabrochar...
Deixa um pouco no teu mel, eu me lambuzar"

"O tempo faz tudo conforme é mandado ou obedecido
Ele faz o sentimento, faz acontecer, faz o lugar, faz a pessoa...
É que eu não sei,
sei que o tempo daqui é o mesmo de lá de cima e poderia não ser...
lá existe uma rua de terra, casas velhas gente pobre na calçada
e um cheiro de capim molhado que faz a gente pensar..."

"penso em nunca mais voltar..."



“vamos pra Belo Horizonte que eu não aguento mais
de dia quero ter a paz própria ao ser humano,
deixar o pano descer...
mas nos bastidores dessa vida acontecer de mais
algum tempo atrás, te conhecer, amanhecer, dormir, etc. e tal
o bem e o mal, poder sentir total”

“...e diga, fechando seus olhos, poemas que
cantem amor imitando um rio correndo”...

“me ensinou como se deve ser ator e ainda
parecer normal perante a sociedade ocidental...
Me falou que não é certo se importar com aqueles
que pegam o avião e acham que eu sou doidão..”

“dentro da real magia por que certo
é o dia que ficou pra trás”

“Nós que defendemos outra fé, nós que consideramos a democracia não só uma forma degenerada de organização política, mas como uma forma decadente e diminuída da humanidade que ela reduz à mediocridade, onde colocaremos nossa esperança.”

(Friedrich Nietzsche)

... "José, carpinteiro e homem de paz, combatente dessas pacíficas armas que se chamam plaina e enxó, maço e martelo, ou pregos e cavilhas, tem, para com estes ferrabrases, um sentimento misto, muito de temor, algo de desprezo, que não o deixa ser natural, nem

mesmo na simples maneira de olhar. Por isso vai passando de olhos baixos, e é Maria, aquela que sempre está metida em casa, e nestas semanas mais resguardada ainda, oculta numa cova, onde só é visitada por uma escrava, é Maria quem tudo vai olhando em redor, curiosa, com o queixinho levantado de compreensível orgulho, pois leva ali o seu primogénito, ela, uma fraca mulher, mas muito capaz, como se vê, de dar filhos a Deus e a seu marido. Tão irradiante vai em sua felicidade que uns toscos e brutos mercenários gauleses, louros, de grandes bigodes pendentes, armas postas, mas afinal, supõe-se, de tenro coração diante deste renovo do mundo que é uma jovem mãe com o seu primeiro filho, estes guerreiros endurecidos sorriram à passagem da família, com podres dentes sorriram, é certo, mas o que conta é a intenção." ...

O Evangelho Segundo Jesus Cristo - Jose Saramago

Escrevi palavras de aço
Forjadas no fogo e pancadas. Duras palavras com golpes cortantes, espalhando
fagulhas em brasa em torno da forja.
Escrevi palavras de fogo
Que arderam longamente
Iluminando a noite de tal forma a esconder estrelas e até a lua.
Escrevi palavras de vento
Que em rodopios tudo arrancou e levou pelos ares.
Escrevi palavras de madeira
Cheirosas como sândalo.
Ora macias como o cedro, ora duras como a massaranduba resistente, ora flexíveis
como o bambu.
Escrevi palavras de água do mar
Que se espalharam em ondas pelos sete mares
Alcançando praias desertas.
Escrevi palavras de nuvens
E elas se dissolveram em chuva, molhando os campos secos que voltaram a florir,
trazendo o cheiro de terra molhada cheia de esperanças.
Escrevi palavras de amor
E com elas aqueci corações
Ruborizando o horizonte
Que gestou e pariu um sol dourado.
E não precisei escrever mais nada.
Christianne Rothier
Dezembro 2020 - o ano da pandemia

. . . "(O direito senhorial de dar nomes vai tão longe, que nos permitiríamos conceber a própria origem da linguagem como expressão de poder dos senhores: eles dizem "isto é isto", marcam cada coisa e acontecimento com um som, como que apropriando-se assim das coisas.)" . . .

Para a Genealogia da Moral - Friedrich Nietzsche

"A noite ainda tem muito para durar. A candeia de azeite, dependurada de um prego ao lado da porta, está acesa, mas a chama, como uma pequena amêndoa luminosa pairando, mal consegue, trémula, instável, sustentar a massa escura que a rodeia e enche de cima a baixo a casa, até aos últimos recantos, lá onde as trevas, de tão espessas, parecem ter-se tornado sólidas. José acordou em sobressalto, como se alguém, bruscamente, o tivesse sacudido pelo ombro, mas teria sido ilusão de um sonho logo desvanecido, que nesta casa só ele vive, e a mulher, que

não se mexeu, e dorme. Não é seu costume despertar assim a meio da noite, em geral não acorda antes de a larga frincha da porta começar a emergir do escuro, cinzenta e fria. Inúmeras vezes pensara que deveria tapá-la, nada mais fácil para um carpinteiro, ajustar e pregar uma simples régua de madeira que sobrasse duma obra, porém, a tal ponto se tinha habituado a encontrar na sua frente, mal abria os olhos, aquela vara vertical de luz, anunciadora do dia, que acabara por imaginar, sem ligar ao absurdo da ideia, que, faltando ela, poderia não ser capaz de sair das trevas do sono, as do seu corpo e as do mundo. A frincha da porta fazia parte da casa, como as paredes ou o tecto, como o forno ou o chão de terra apisoada. Em voz baixa, para não acordar a mulher, que continuava a dormir, pronunciou a primeira bênção do dia, aquela que sempre deve ser dita quando se regressa do misterioso país do sono, Graças te dou, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que pelo poder da tua misericórdia, assim me restituís, viva e constante, a minha alma. Talvez por não se encontrar igualmente desperto em cada um dos seus cinco sentidos, se é que, então, nesta época de que vimos falando, não estavam as pessoas ainda a aprender alguns deles ou, pelo contrário, a perder outros que hoje nos seriam úteis, José olhava-se a si mesmo como se fosse acompanhando, a distância, a lenta ocupação do seu corpo por uma alma que aos poucos estivesse regressando, igual a fios de água que, avançando sinuosos pelos caminhos das regueiras, penetrassem a terra até às mais fundas raízes, transportando a seiva, depois, pelo interior dos caules e das folhas. E por ver quão trabalhoso era este regresso, olhando a mulher, a seu lado, teve um pensamento que o perturbou, que ela, ali adormecida, era verdadeiramente um corpo sem alma, que a alma não está presente no corpo que dorme, ou então não faz sentido que agradeçamos todos os dias a Deus por todos os dias no-la restituir quando acordamos, e nesta altura uma voz dentro de si perguntou, O que é que em nós sonha o que sonhamos, Porventura os sonhos são as lembranças que a alma tem do corpo, pensou a seguir, e isto era uma resposta. Maria moveu-se, acaso a alma dela estaria ali por perto, já dentro de casa, mas no fim não despertou, apenas andaria em afãs de sonho, e, tendo soltado um suspiro fundo, entrecortado como um soluço, chegou-se para o marido, num movimento sinuoso, porém inconsciente, que jamais ousaria quando acordada. José puxou o lençol grosso e áspero para os ombros e aconchegou melhor o corpo na esteira, sem se afastar. Sentiu que o calor da mulher, carregado de odores, como de uma arca fechada onde tivessem secado ervas, lhe ia penetrando pouco a pouco o tecido da túnica, juntando-se ao calor do seu próprio corpo. Depois, deixando descer devagar as pálpebras, esquecido já de pensamentos, desprendido da alma, abandonou-se ao sono que voltava."

O Evangelho Segundo Jesus Cristo – Jose Saramago

"Disse então, Nunca mais nascerá fruto de ti, e naquele mesmo instante secou a figueira. Disse Maria de Magdala, que com ele estava, Darás a quem precisar, não pedirás a quem não tiver. Arrependido, Jesus ordenou à figueira que ressuscitasse, mas ela estava morta."

O Evangelho Segundo Jesus Cristo – Jose Saramago

Não sei se o artista é deste mundo, deve ser, às vezes parece que o próprio mundo é uma obra de arte, estranhamente o artista sente-se sem lugar, é aí que a tristeza e a amargura são até melhores que a doçura e a alegria.

" Alto lá, quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lançar-lhe uma pedra, como se dissesse, Até eu, se não vivesse, como vivo, em concubinato, se estivesse limpo da lacra dos actos e pensamentos sujos, estaria convosco na execução dessa

justiça. Arriscou muito o nosso Jesus porque podia ter acontecido que um ou mais dos apedrejadores, por serem de coração endurecido e estarem empedernidos nas práticas do pecado em geral, dessem ouvidos de mercador à admoestação e prosseguissem no apedrejamento, sem medo, eles próprios, à lei que estavam aplicando, por ser destinada às mulheres. "

O Evangelho de Jesus Cristo.- Jose Saramago

Laerte Willmann

A natureza está nos enviando uma mensagem com a pandemia de coronavírus e a atual crise climática",

São palavras da diretora-executiva do Programa Ambiental da ONU, Inger Andersen.

A humanidade está pressionando demais o mundo natural, trazendo inúmeras consequências prejudiciais. Não cuidar do planeta significa não cuidar de nós mesmos. Civilização atual está "brincando com fogo"

Os principais cientistas ligados à ONU sustentam que o surto de covid-19 foi um alerta, já que existem muito mais doenças letais na vida selvagem, e que a civilização atual está "brincando com fogo". A organização também partilha o entendimento de que é o comportamento humano que faz as doenças se espalharem para os seres humanos, não os animais.

Para evitar novos surtos, apontam os especialistas, o aquecimento global e a destruição do mundo natural visando agropecuária, mineração e habitação precisam acabar, já que forçam um perigoso contato entre vida selvagem e humanos.

Consequência da perda de habitat e redução de biodiversidade

Eles também estão pedindo às autoridades que coloquem um fim aos mercados de animais vivos – que eles chamam de uma "tigela de doenças" – assim como o fim do comércio ilegal de animais.

Inger Andersen disse que a prioridade imediata é proteger as pessoas contra o coronavírus e impedir sua propagação, mas que uma resposta a longo prazo deve levar em conta que o vírus surgiu como consequência da perda de habitat dos animais silvestres e da redução da biodiversidade.

"Nunca houve tantas oportunidades para os patógenos passarem de animais selvagens e domesticados para as pessoas", declarou Andersen ao Guardian, explicando que 75% de todas as doenças infecciosas emergentes vêm da vida selvagem [mas sua disseminação surge a partir da intervenção humana].

Estamos interconectados com a natureza, gostemos ou não

A pandemia do Covid-19 é um primeiro alerta, se não for escutado, a resposta da Natureza vai se intensificar

"Nossa degradação contínua de espaços selvagens nos levou para perto de animais e plantas que abrigam doenças que podem saltar para os seres humanos." Declaração semelhante foi feita pelos cientistas ligados à National Geographic.

Ela também citou outros impactos ambientais em decorrência da ação humana, como os incêndios florestais australianos, recordes de calor quebrados e a pior invasão de gafanhotos no Quênia em 70 anos. "No final do dia, com todos esses eventos, a natureza está nos enviando uma mensagem", reforçou a diretora-executiva de Meio Ambiente da ONU.

"Estamos intimamente interconectados com a natureza, gostemos ou não. Se não cuidamos da natureza, não podemos cuidar de nós mesmos. E, à medida que avançamos em direção a uma população de dez bilhões de pessoas neste planeta, precisamos entrar nesse futuro armados com a natureza como nossa aliada mais forte."

PARA A GENEALOGIA DA MORAL

U M A P O L Ê M I C A

Friedrich Nietzsche

Prólogo

Nós, que somos homens do conhecimento, não conhecemos a nós próprios; somos de nós mesmos desconhecidos – e não sem ter motivo. Nunca nós nos procuramos: como poderia, então que nos encontrássemos algum dia? Com razão alguém disse: “onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração”.¹ Nosso tesouro está onde se assentam as colméias do nosso conhecimento. Estamos sempre no caminho para elas como animais alados de nascimento e recolhedores do mel do espírito, nos preocupamos de coração propriamente de uma só coisa - de "levar para casa" algo. Nós, que somos homens do conhecimento, não conhecemos a nós próprios; somos de nós mesmos desconhecidos – e não sem ter motivo. Nunca nós nos procuramos: como poderia, então que nos encontrássemos algum dia? Com razão alguém disse: “onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração”.¹ Nosso tesouro está onde se assentam as colméias do nosso conhecimento. Estamos sempre no caminho para elas como animais alados de nascimento e recolhedores do mel do espírito, nos preocupamos de coração propriamente de uma só coisa - de "levar para casa" algo.

...

Necessariamente permanecemos estranhos a nós mesmos, não nos entendemos, temos que nos confundir com outros, e, em nós servirá sempre a frase que disse "cada um é para si mesmo o mais distante" – continuamos a nos considerar "homens do conhecimento"...

. . . a procedência de nossos preconceitos morais . . . aforismos . . . uma vontade fundamental de conhecimento . . . , com a mesma necessidade com que uma árvore dá seus frutos, crescem em nós nossos pensamentos, nossos valores, nossos sins e não e

ses e quês - aparentados e referidos todos eles entre si e testemunhas de uma única vontade, de uma única saúde, de um único terreno, de um único sol. . . . , com a mesma necessidade com que uma árvore dá seus frutos, crescem em nós nossos pensamentos, nossos valores, nossos sins e nãoos e ses e quês - aparentados e referidos todos eles entre si e testemunhas de uma única vontade, de uma única saúde, de um único terreno, de um único sol. . . . Felizmente aprendi a tempo a separar o preconceito teológico do moral, e não procurei mais a origem do mal atrás do mundo . . . uma espécie contrária e perversa de hipótese genealógica, . . . uma espécie contrária e perversa de hipótese genealógica, . . . O título do livrinho era A origem das impressões morais; seu autor, o dr. Paul Rée;³ o ano de seu aparecimento, 1877 . . . substituir o improvável pelo mais provável, e ocasionalmente um erro por outro. a dupla pré-história do bem e do mal (a saber, na esfera dos nobres e na dos escravos); igualmente . . . moral ascética . . . "moralidade do costume", . . . , O andarilho (§ 22, 33), sobre a origem do castigo, ao qual a finalidade de intimidação não é essencial nem primordial (como pensa o dr. Rée ela lhe é, isto sim, enxertada em determinadas circunstâncias, e sempre como algo acessório, adicionado) Bem cunhado e moldado, um aforismo não foi ainda "decifrado", ao ser apenas lido: deve ter início, então, a sua interpretação, para a qual se requer uma arte da interpretação. Na terceira dissertação deste livro, ofereço um exemplo do que aqui denomino "interpretação": a dissertação é precedida por um aforismo, do qual ela constitui o comentário. É certo que, a praticar desse modo a leitura como arte, faz-se preciso algo que precisa mente em nossos dias está bem esquecido - e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam "legíveis" -, para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e não um "homem moderno": o ruminar...

Muito resumidamente, ele explica, entre outras coisas, que para entender muitos conceitos contra intuitivos da Física Moderna, o cientista precisou agir contra o bom senso e de acordo com suas próprias ideias.

Achei muito interessante a definição de Einstein do que seria bom senso, nesse cenário.

O nome do capítulo é "O Mundo Do Muito Veloz" e nome do livro é "A Dança do Universo de Marcelo Gleiser.

Esse capítulo começa assim:

... "A mais profunda emoção que podemos experimentar é inspirada pelo senso de mistério." (Albert Einstein)

O estudo da física moderna pode ser bem frustrante. Quando estudantes são introduzidos pela primeira vez às ideias da teoria da relatividade e da mecânica quântica, sua perplexidade é quase sempre acompanhada por um grande ceticismo. Essas teorias têm algo de absurdo, algo que parece contradizer nosso bom senso." ...

... "Infelizmente, bom senso não nos ajuda muito a lidar com esses fenômenos. Isso torna as coisas difíceis, porque tendemos a nos basear no bom senso quando nos relacionamos com o mundo à nossa volta. Talvez as palavras de Einstein possam nos dar alguma direção:

"Bom senso é o conjunto de todos os preconceitos que adquirimos durante nossos primeiros dezoito anos de vida".

1 O dicionário Webster define bom senso como "as opiniões de homens comuns", ...

... "À primeira vista, fenômenos relativísticos ou quânticos parecem bizarros porque estão muito além de nossa realidade imediata, inacessíveis aos nossos sentidos; eles não fazem parte dos fenômenos abarcados pelo nosso "bom senso." ...

... "Abandonar velhas ideias, que em geral nos trazem uma confortável sensação de segurança e controle, não é nada fácil. Mas, quando nos deparamos com as obras de Galileu, Kepler, Newton, Faraday, Maxwell, Boltzmann e tantos outros que encontramos até aqui, fica claro que uma das características mais importantes dos grandes cientistas (e, diga-se de passagem, dos artistas também) é sua independência intelectual. Essa independência produz uma flexibilidade que permite, com a ajuda dessa elusiva característica chamada gênio, que esses indivíduos encontrem novas e inesperadas conexões onde outros encontram apenas becos sem saída. Apenas encontrar novas conexões, porém, não é o suficiente; para que um cientista possa explorar novos territórios é necessário que tenha a coragem de enfrentar os antigos. É necessário que ele acredite em suas próprias ideias. " ...

Acredito verdadeiramente que, como algumas propriedades do círculo demonstradas por Euclides no terceiro livro de seus Elementos conduziram a inúmeras outras menos conhecidas, da mesma forma as demonstrações estabelecidas neste breve tratado, quando forem conhecidas por outros espíritos especulativos, abrirão o caminho a

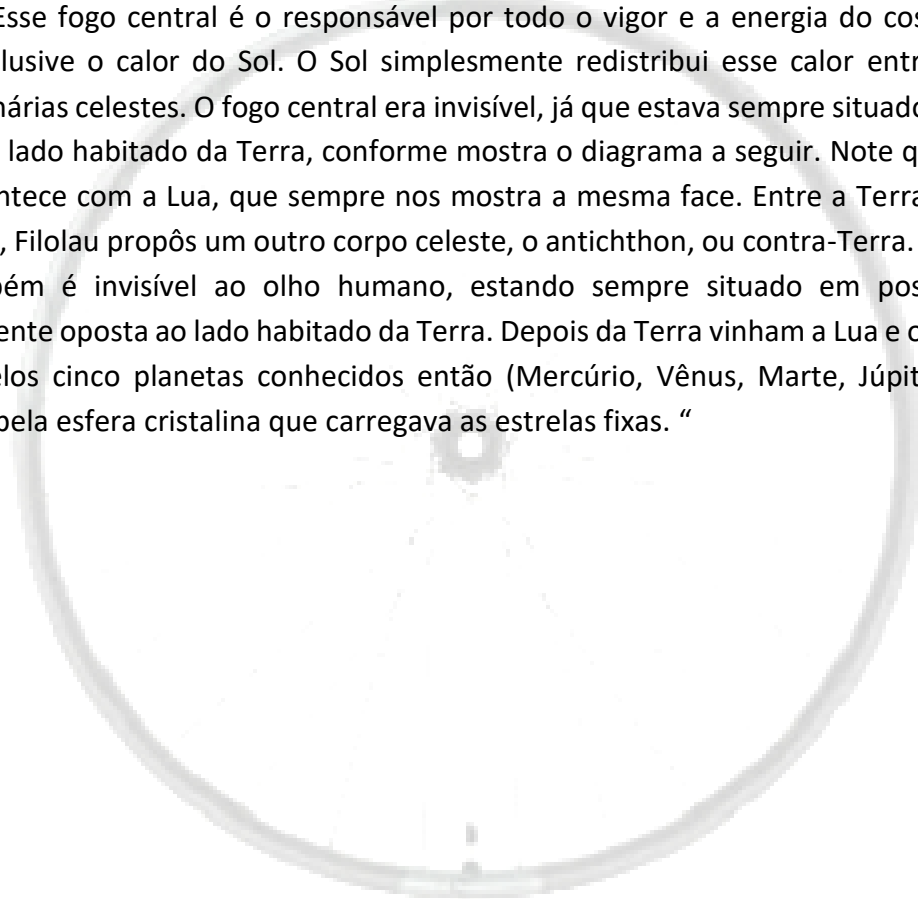
inúmeros outros resultados ainda mais maravilhosos. E pode-se acreditar que assim será, se considerarmos a nobreza desse assunto, sobre todos os outros assuntos naturais¹⁰* P P Galileu morreu em 1642, o mesmo ano em que nasceu Isaac Newton.

Galileu pediu permissão a Urbano para escrever um novo livro, no qual ele confrontaria os sistemas ptolomaico e copernicano. É possível que Galileu tenha convencido Urbano de que sua teoria das marés era a prova definitiva do movimento da Terra. O papa concordou, mas insistiu em que o texto deixasse claro que Deus, através de um milagre, poderia promover o ir-e-vir das marés diariamente; mesmo que a hipótese copernicana fosse melhor do que a ptolomaica para explicar os fenômenos, não se poderia jamais excluir a possibilidade de que Deus seja a causa final de tudo que observamos.

Seu livro *Harmonice mundi*, “Harmonias do mundo”, foi concluído em 1618. Kepler volta à sua idéia de sólidos platônicos concêntricos, introduzida no *Mysterium* 21 anos antes. Ele dividiu o livro em cinco partes. As duas primeiras lidam com o conceito de harmonia em matemática, e as outras três, em música, astrologia e astronomia. Kepler ressuscitou a idéia pitagórica de harmonia, vestindo-a de uma linguagem geométrica mais sofisticada. A harmonia se manifesta quando à nossa percepção de ordem, na Natureza se contrapõem simples arquétipos geométricos, numa ressonância entre as experiências sensoriais; e racionais. Para Kepler, esse é o princípio unificador que descreve não só os movimentos celestes, mas também o comportamento humano, as mudanças climáticas, a beleza da música. Essa harmonia completamente abrangente que percebemos no mundo é uma manifestação direta da mente divina. Em outras palavras, essa harmonia é a ponte entre o ser e o devir. Entretanto, a situação havia mudado consideravelmente desde que Kepler completara o *Mysterium*. As órbitas planetárias não eram circulares, mas elípticas, e os dados de Tycho forneciam um retrato acurado dos céus. Kepler tinha que incluir toda essa nova informação em seu antigo esquema. Após muitas tentativas frustradas, Kepler encontrou afinal uma solução que o satisfazia profundamente. Ele sabia que, com órbitas elípticas, a velocidade de um planeta é maior quanto mais próximo ele estiver do Sol. A 130ª chave para a harmonia celeste estava em estabelecer a razão entre os valores máximos e mínimos das velocidades orbitais. Kepler comparou esses números com os obtidos nas escalas musicais, chegando a um acordo bastante satisfatório. Portanto, concluiu Kepler, Saturno correspondia a uma terça maior, Júpiter, a uma terça menor, Marte, a uma quinta etc. Ele finalmente desvelou a estrutura da música celestial ouvida por Pitágoras mais de 2 mil

anos antes!³⁸ A composição final P P ficou ainda mais complexa quando Kepler combinou entre si as velocidades de diferentes planetas. Os planetas cantavam, juntos, um moteto celebrando a ordem divina. Kepler via na invenção da música polifônica uma tentativa dos homens de se aproximarem de Deus: A humanidade quis, durante uma breve hora, reproduzir a continuidade do tempo cósmico, através de uma combinação artística de várias vozes, para ter uma idéia do prazer do Criador Divino em Seus trabalhos e também para compartilhar de Seu júbilo criando música como Ele.

“De acordo com Filolau, a Terra gira em torno de um “fogo central”, o “forno do Universo”. Esse fogo central é o responsável por todo o vigor e a energia do cosmo, gerando inclusive o calor do Sol. O Sol simplesmente redistribui esse calor entre as outras luminárias celestes. O fogo central era invisível, já que estava sempre situado em oposição ao lado habitado da Terra, conforme mostra o diagrama a seguir. Note que o mesmo acontece com a Lua, que sempre nos mostra a mesma face. Entre a Terra e o fogo central, Filolau propôs um outro corpo celeste, o antichthon, ou contra-Terra. Esse corpo também é invisível ao olho humano, estando sempre situado em posição diametralmente oposta ao lado habitado da Terra. Depois da Terra vinham a Lua e o Sol, seguidos pelos cinco planetas conhecidos então (Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno), e pela esfera cristalina que carregava as estrelas fixas. “



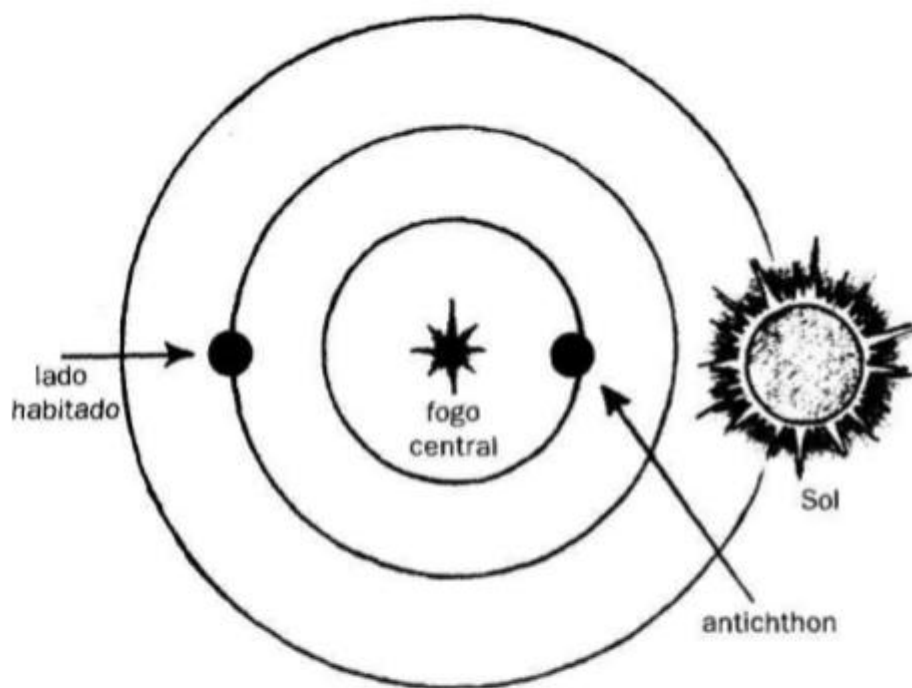


FIGURA 2.2: O sistema de Filolau: noite na Terra.

Filolau de Crotona Filolau (Pitagórico)

“Segunda-feira, 19 de julho de 1943

Querida Kitty No domingo, a parte norte de Amsterdam foi severamente bombardeada. A destruição

foi terrível. Ruas inteiras jazem em ruínas, e levará muito tempo até que se retirem os mortos de sob os escombros. Até agora sabe-se de uns duzentos mortos e um número incontável de feridos; os hospitais estão abarrotados. Ouve-se falar de crianças perdidas nas ruínas fumegantes, à procura dos pais. Estremeço só de me lembrar do ronco surdo à distância, que assinalou a destruição que se aproxima. Sua Anne. “

“ Foram tantos os pedidos
Tão sinceros, tão sentidos
Que ela dominou seu asco
Nessa noite lancinante
Entregou-se a tal amante
Como quem dá-se ao carrasco ”

“As drogas efetivamente tiveram trajetórias muito similares, iniciando como uma forma de medicina e se popularizando posteriormente. Uma das raras exceções é o crack, que é uma droga derivada da coca que foi criada e lançada exclusivamente para o mercado ilícito. Esse, entretanto, é um efeito contemporâneo do modelo proibicionista adotado na segunda metade do século XX. Antes do crack, essa pareceu sim ser a trajetória da maioria das drogas. O que parece questionável dentro dessa interpretação de Courtwright (2001) é a naturalização do controle terapêutico e político e a associação do uso popular com a travessura e a irresponsabilidade. Mais uma vez será preciso contrastar essa visão com as concepções ideológicas que procuram inserir determinadas atitudes sociais no campo da ordem natural. “

...

“Na tradição judaica o vinho era considerado, junto com o pão, uma dádiva divina, forma principal de libação depois dos sacrifícios, dos serviços de domingo, das celebrações da páscoa e cerimônias de passagem como os casamentos. Existem várias referências a ele no Velho Testamento. “Se no judaísmo o vinho foi importante, no cristianismo ele tornou-se essencial, corporificando a própria deidade” (CARNEIRO, 2010, p.105). Ele representa o sangue de cristo no rito central da eucaristia cristã. A vinha é a planta mais citada na Bíblia. Cristo comparou seus discípulos aos brotos do vinhedo. Segundo os apóstolos Mateus e Lucas, Cristo era acusado de ser um glutão e bebedor pelos seus detratores. Nos textos bíblicos ficam claras as diferenças entre tomar vinho, algo benéfico, e se embriagar, algo reprovável (CARNEIRO, 2010, p.106118; SHERRATT, 1995, p.18).”

(Carlos Eduardo Martins Torcato - A história das drogas e sua proibição no Brasil: da Colônia à República)

... “Se a adaptação fosse, ela só, o núcleo da evolução, seria difícil explicar por que as formas vivas evoluíram além das algas azuis, que estão perfeitamente adaptadas a seu meio ambiente, são inexcedíveis em sua capacidade reprodutiva e têm provado, há bilhões de anos, sua aptidão para a sobrevivência.” ...

(Fritjof Capra – O Ponto de Mutação)

SÓCRATES — Fui ontem ao Pireu com Glauco, filho de Aríston, para orar à deusa, e também para me certificar de como seria a festividade, que eles promoviam pela primeira vez. A procissão dos atenienses foi bastante agradável, embora não me parecesse superior à realizada pelos trácios. Após termos orado e admirado a cerimônia, estávamos regressando à cidade quando, no caminho, fomos vistos a distância por Polemarco, filho de Céfalos. Ele mandou seu jovem escravo correr até nós, para nos pedir que o esperássemos. O servo puxou-me pela capa, por trás, dizendo: Fui ontem ao Pireu com Glauco, filho de Aríston, para orar à deusa, e também para me certificar de como seria a festividade, que eles promoviam pela primeira vez.

Dirigimo-nos à casa de Polemarco, onde encontramos seus irmãos Lísias e Eutidemo, e também Trasímaco de Calcedônia, Carmantides de Penéia e Clitofonte, filho de Arístion. Havia também o pai de Polemarco, Céfalos. E este se me afigurou bastante idoso, pois não me encontrava com ele havia bastante tempo. Estava acomodado numa cadeira com almofadas e envergava uma coroa na cabeça, pois tinha oferecido um sacrifício no pátio da moradia. Nos sentamos todos em cadeiras junto dele.

(Platão - A República – Livro I)

Sócrates — Devido a isso, os homens de bem não querem governar nem pelas riquezas nem pela honra; porque não querem ser considerados mercenários, exigindo abertamente o salário correspondente à sua função, nem ladrões, tirando dessa função lucros secretos; também não trabalham pela honra, porque não são ambiciosos. Portanto, é preciso que haja obrigação e castigo para que aceitem governar — é por isso que tomar o poder de livre vontade, sem que a necessidade a isso obrigue, pode ser considerado vergonha — e o maior castigo consiste em ser governado por alguém ainda pior do que nós, quando não queremos ser nós a governar; é com este receio que me parecem agir, quando governam, as pessoas honradas, e então assumem o poder não como um bem a ser usufruído, mas como uma tarefa necessária, que não podem confiar a outras melhores que elas nem a iguais. Se surgisse uma cidade de homens bons, é provável que nela se lutasse para fugir do poder, como agora se luta para obtê-lo, e tornar-se-ia evidente que, na verdade, o governante autêntico não deve visar ao seu próprio interesse, mas ao do governado; de modo que todo homem sensato preferiria ser obrigado por outro do que preocupar-se em obrigar outros.”

(Platão - A República)

“ Os Tesouros no Céu

19 “Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam.

20 Mas acumulem para vocês tesouros nos céus, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam.

21 Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração.

22 “Os olhos são a candeia do corpo. Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz.

23 Mas se os seus olhos forem maus, todo o seu corpo será cheio de trevas. Portanto, se a luz que está dentro de você são trevas, que tremendas trevas são!

24 “Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro.

As Preocupações da Vida (Lc 12.22-31)

25 “Portanto eu lhes digo: Não se preocupem com sua própria vida, quanto ao que comer ou beber; nem com seu próprio corpo, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante que a comida, e o corpo mais importante que a roupa?

26 Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas?

27 Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida? b

28 “Por que vocês se preocupam com roupas? Vejam como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem tecem.

29 Contudo, eu lhes digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor, vestiu-se como um deles.

30 Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, não vestirá muito mais a vocês, homens de pequena fé?

31 Portanto, não se preocupem, dizendo: ‘Que vamos comer?’ ou ‘Que vamos beber?’ ou ‘Que vamos vestir?’

32 Pois os pagãos é que correm atrás dessas coisas; mas o Pai celestial sabe que vocês precisam delas.

33 Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas.

34 Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal.

A Mãe e os Irmãos de Jesus (Mc 3.31-35; Lc 8.19-21)

46 Falava ainda Jesus à multidão quando sua mãe e seus irmãos chegaram do lado de fora, querendo falar com ele.

47 Alguém lhe disse: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar contigo”^b.

48 “Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?”, perguntou ele.

49 E, estendendo a mão para os discípulos, disse: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos!

50 Pois quem faz a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe”.

“A solidão é só uma viagem. Pode durar um segundo, feito esse que estou vivendo agora, e ser uma solidão profunda, densa, capaz e transformar o cara pra dentro dele mesmo. Pode ser mais maneira, tranquila, e durar sete anos como durou a vida solitária que eu levei, porque parece que a solidão está desligada do tempo e é impossível medir o tempo passando quando a gente está só. Você acorda, vê o dia e depois a noite, e no outro dia tudo

de novo, e tudo continua se repetindo, sempre, e já não importa quantas vezes você acordou. Nada conta. Sete anos não é muito nem pouco. É só um tempo. E foi esse tempo que passou enquanto estive só.”

(E. Dafre – PEU Livre como cobra atoladp feito gente)

“A noite ainda tem muito para durar. A candeia de azeite, dependurada de um prego ao lado da porta, está acesa, mas a chama, como uma pequena amêndoa luminosa pairando, mal consegue, trémula, instável, sustentar a massa escura que a rodeia e enche de cima a baixo a casa, até aos últimos recantos, lá onde as trevas, de tão espessas, parecem ter-se tornado sólidas. José acordou em sobressalto, como se alguém, bruscamente, o tivesse sacudido pelo ombro, mas teria sido ilusão de um sonho logo desvanecido, que nesta casa só ele vive, e a mulher, que não se mexeu, e dorme. Não é seu costume despertar assim a meio da noite, em geral não acorda antes de a larga frincha da porta começar a emergir do escuro, cinzenta e fria.”

...

José, perplexo, olhou o vulto da mulher, estranhando-lhe o sono pesado, ela que o mais ligeiro ruído fazia despertar, como um pássaro. Era como se uma força exterior, descendo, ou pairando, sobre Maria, lhe comprimissem o corpo contra o solo, porém não tanto

que a imobilizasse por completo, notava-se mesmo, apesar da penumbra, que a percorriam súbitos estremecimentos, como a água de um tanque tocada pelo vento. Estará mal, pensou, mas eis que um sinal de urgência o distraiu da preocupação incipiente, uma instantânea necessidade de urinar, também ela muito fora do costume, que estas satisfações, na sua pessoa, habitualmente manifestavam-se mais tarde, e nunca tão vivamente. Levantou-se, cauteloso, para evitar que a mulher desse pelo que ia fazer, pois escrito está que por todos os modos se deve preservar o respeito de um homem, só quando de todo em todo não for possível, e, tendo aberto devagar a porta que rangia, saiu para o pátio. Era a hora em que o crepúsculo matutino cobre de cinzento as cores do mundo. Encaminhou-se para um alpendre baixo, que era a barraca do jumento, e aí se aliviou,

escutando, com uma satisfação meio consciente, o ruído forte do jacto de urina sobre a palha que cobria o chão

...

Como se se movesse no interior da rodopiante coluna de ar, José entrou em casa, cerrou a porta atrás de si, e ali ficou encostado por um minuto, aguardando que os olhos se habituassem à meia penumbra. Ao lado dele, a candeia brilhava palidamente, quase sem irradiar luz, inútil. Maria, deitada de costas, estava acordada e atenta, olhava fixamente um ponto em frente, e parecia esperar. Sem pronunciar palavra, José aproximou-se e afastou devagar o lençol que a cobria. Ela desviou os olhos, soergueu um pouco a parte inferior da túnica, mas só acabou de puxá-la para cima, à altura do ventre, quando ele já se vinha debruçando e procedia do mesmo modo com a sua própria túnica, e Maria,

entretanto, abrira as pernas, ou as tinha aberto durante o sonho e desta maneira as deixara ficar, fosse por inusitada indolência matinal ou pressentimento de mulher casada que conhece os seus deveres. Deus, que está em toda a parte, estava ali, mas, sendo aquilo que é, um puro espírito, não podia ver como a pele de um tocava a pele do outro, como a carne dele penetrou a carne dela, criadas uma e outra para isso mesmo, e, provavelmente, já nem lá se encontraria quando a semente sagrada de José se derramou no sagrado interior de Maria, sagrados ambos por serem a fonte e a taça da vida, em verdade há coisas que o próprio Deus não entende, embora as tivesse criado. Tendo pois saído para o pátio, Deus não pôde ouvir o som agónico, como um estertor, que saiu da boca do varão no instante da crise, e menos ainda o levíssimo gemido que a mulher não foi capaz de reprimir. Apenas um minuto, ou nem tanto, repousou José sobre o corpo de Maria. Enquanto ela puxava para baixo a túnica e se cobria com o lençol, tapando depois a cara com o antebraço, ele, de pé no meio da casa, de mãos levantadas, olhando o tecto, pronunciou aquela sobre todas terrível bênção, aos homens reservada, Louvado sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, por não me teres feito mulher. Ora, a estas alturas, Deus já nem no pátio devia estar, pois não tremeram as paredes da casa, não desabaram, nem a terra se abriu. Apenas, pela primeira vez, se ouviu Maria, e humildemente dizia, como de mulheres se espera que seja sempre

a voz, Louvado sejas tu, Senhor, que me fizeste conforme a tua vontade, ora, entre estas palavras e as outras, conhecidas e aclamadas, não há diferença nenhuma, repare-se, Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra, está patente que quem disse isto podia, afinal, ter dito aquilo. Depois, a mulher do carpinteiro José levantou-se da esteira, enrolou-a juntamente com a do marido e dobrou o lençol comum.

...

(o evangelho segundo jesus cristo – Saramago)

Nesse meio-tempo, dom Quixote mandou chamar um camponês, vizinho seu, homem de bem — se é que se pode dar este título a quem é pobre — , mas de miolo meio mole. Em resumo, tanto lhe disse, tanto o tentou e prometeu que o pobre coitado resolveu sair com ele e lhe servir de escudeiro. Entre outras coisas, dom Quixote lhe dizia que, caso se dispusesse a ir de boa vontade, em algum momento bem podia acontecer uma aventura em que ganhasse uma ilha sem mais nem menos e

ele o deixasse de governador nela. Com essas e outras promessas semelhantes, Sancho Pança — que assim se chamava o camponês — deixou sua mulher e filhos e se empregou como escudeiro de seu vizinho.

...

Escrever um livro é parecido com um bêbado abrindo um bar, alguns vão fazer aquilo pra ganhar dinheiro, mas outros vão fazer aquilo porque gostam de ler.

“As obras dos grandes poetas até hoje não foram lidas pela humanidade, porque só grandes poetas podem lê-las. Só foram lidas como a multidão lê as estrelas, quando muito astrologicamente, e não astronomicamente. A

maioria dos homens aprendeu a ler tendo em vista a utilidade mesquinha, do mesmo modo que aprendeu a calcular a fim de tomar nota das receitas e despesas e não ser trapaceado nos negócios; mas da leitura enquanto exercício intelectual nobre, pouco ou nada sabe; contudo isso é que é leitura em acepção elevada, não aquela que nos embala como um luxo e adormenta nossas mais nobres faculdades, e sim a que nos mantém expectantes e à qual devotamos nossas horas mais alertas e despertas. “

“Fui para os bosques porque pretendia viver deliberadamente, defrontar-me apenas com os fatos essenciais da vida, e ver se podia aprender o que tinha a me ensinar, em vez de descobrir à hora da morte que não tinha vivido. Não desejava viver o que não era vida, a vida sendo tão maravilhosa, nem desejava praticar a resignação, a menos que fosse de todo necessária. Queria viver em profundidade e sugar toda a medula da vida, viver tão vigorosa e espartanamente a ponto de pôr em debandada tudo que não fosse vida, deixando o espaço limpo e raso; encurralá-la num beco sem saída, reduzindo-a a seus elementos mais primários, e, se esta se revelasse mesquinha, adentrar-me então em sua total e genuína mesquinhez e proclamá-la ao mundo; e se fosse sublime, sabê-lo por experiência, e ser capaz de explicar tudo isso na próxima digressão.”

“Nos dias de hoje nossas casas se apresentam atravancadas e desfiguradas pelos móveis e uma boa dona-de-casa bem que lançaria grande parte deles no lixo, em vez de deixar a faxina matinal inacabada. Faxina matinal! Pelas madrugadas, qual deveria ser a ocupação matinal do homem neste mundo? Tive três peças de calcário em cima da minha escrivaninha, mas fiquei apavorado ao descobrir que precisavam ser espanadas todos os dias, quando o mobiliário da minha mente ainda estava por ser espanado, e aborrecido joguei-as pela janela. Como, então, iria eu ter uma casa mobiliada? Muito melhor seria sentar ao ar livre, pois a poeira não se acumula sobre a grama, a não ser nos trechos em que o homem arrancou-a do solo. “

“Entre os selvagens toda família possui um abrigo da melhor qualidade, suficiente para as necessidades mais ordinárias e simples. Contudo suponho ser razoável ao afirmar que, embora os pássaros tenham seus ninhos, as raposas suas tocas e os selvagens suas cabanas, na sociedade civilizada moderna, não mais que metade das famílias dispõe de moradia própria. Nas grandes cidades e nas capitais, onde predomina a civilização, a percentagem dos que possuem casa própria é mínima. A esmagadora maioria paga por esse agasalho exterior, indispensável durante o verão e o inverno, uma taxa anual que daria para comprar um povoado de cabanas indígenas e que apenas serve para manter pobres seus moradores a vida inteira”

embora a curto prazo possam fracassar, agiriam melhor se ambicionassem algo elevado. ”

(Walden ou a Vida nos Bosques – Henry D. Thoreau)

. . . “ — Enquanto os filósofos não forem reis nas cidades, ou aqueles que hoje denominamos reis e soberanos não forem verdadeira e seriamente filósofos, enquanto o poder político e a filosofia não convergirem num mesmo indivíduo, enquanto os muitos caracteres que atualmente perseguem um ou outro destes objetivos de modo exclusivo não forem impedidos de agir assim, não terão fim, meu caro Glauco, os males das cidades, nem, conforme julgo, os do gênero humano, e jamais a cidade que nós descrevemos será edificada. Eis o que eu hesitava há muito em dizer, prevendo quanto estas palavras chocariam o senso comum. De fato, é difícil conceber que não haja felicidade possível de outra maneira, para o Estado e para os cidadãos. “ . . .

(A Republica - Platão)

εὐδαιμονία

Para atingir a **Eudaimonia**, (ancestral da Felicidade na cadeia da evolução do pensamento), deve-se:

1. Conhecer-te a ti mesmo.
2. Deixar seu parceiro amoroso mudar você.
3. Desvendar a mensagem da beleza.
4. Reformar a sociedade.

Sócrates — É o que vou explicar-te. A coisa mais terrível e vergonhosa que os pastores podem fazer é treinar, para os ajudarem a cuidar do rebanho, cães que a intemperança, a fome ou qualquer habito vicioso levariam a fazer mal aos carneiros e a se tornarem iguais aos lobos dos quais os deveriam proteger.

(A Republica - Platão)

εὐδαιμονία

Para atingir a **Eudaimonia**, (ancestral da Felicidade na cadeia da evolução do pensamento), deve-se:

1. Conhecer-te a ti mesmo.
2. Deixar seu parceiro amoroso mudar você.
3. Desvendar a mensagem da beleza.
4. Reformar a sociedade.

“ ninguém é justo por vontade própria, mas por obrigação, não sendo a justiça um bem individual, visto que aquele que se julga capaz de cometer a injustiça comete-a “

(A Republica - Platão)

... “Concedamos ao justo e ao injusto a permissão de fazerem o que querem; sigamo-los e observemos até onde o desejo leva a um e a outro.

Apanharemos o justo em flagrante delito de buscar o mesmo objetivo que o injusto, impelido pela necessidade de prevalecer sobre os outros: é isso que a natureza toda procura como um bem, mas que, por lei e por força, é reduzido ao respeito da igualdade. A permissão a que me refiro seria especialmente significativa se eles recebessem o poder que teve outrora, segundo se conta, o antepassado de Giges, o Lídio. Este homem era pastor a serviço do rei que naquela época governava a Lídia. Cedo dia, durante uma violenta tempestade acompanhada de um terremoto, o solo fendeu-se e formou-se um precipício perto do lugar onde o seu rebanho pastava. Tomado de assombro, desceu ao fundo do abismo e, entre outras maravilhas que a lenda enumera, viu um cavalo de bronze oco, cheio de pequenas aberturas;

debruçando-se para o interior, viu um cadáver que parecia maior do que o de um homem e que tinha na mão um anel de ouro, de que se apoderou; depois partiu sem levar mais nada. Com esse anel no dedo, foi assistir à assembléia habitual dos pastores, que se realizava todos os meses, para informar ao rei o estado dos seus rebanhos. Tendo ocupado o seu lugar no meio dos outros, virou sem querer o engaste do anel para o interior da mão; imediatamente se tomou invisível aos seus vizinhos, que falaram dele como se não se encontrasse ali. Assustado, apalpou novamente o anel, virou o engaste para fora e tomou-se visível. Tendo-se apercebido disso, repetiu a experiência, para ver se o anel tinha realmente esse poder; reproduziu-se o mesmo prodígio: virando o engaste para dentro, tomava-se invisível; para fora, visível. Assim que teve a certeza, conseguiu juntar-se aos mensageiros que iriam ter com o rei. Chegando ao palácio, seduziu a rainha, conspirou com ela a morte do rei, matou-o e obteve assim o poder. Se existissem dois anéis desta natureza e o justo recebesse um, o injusto outro, é provável que nenhum fosse de caráter tão firme para perseverar na justiça e para ter a coragem de não se apoderar dos bens de outrem, sendo que poderia tirar sem receio o que quisesse da ágora, introduzir-se nas casas para se unir a quem lhe agradasse, matar uns, romper os grilhões a outros e fazer o que lhe aprouvesse, tornando-se igual a um deus entre os homens. Agindo assim, nada o diferenciaria do mau: ambos tenderiam para o mesmo fim. E citarse-ia isso como uma grande prova de que ninguém é justo por vontade própria, mas por obrigação, não sendo a justiça um bem individual, visto que aquele que se julga capaz de cometer a injustiça comete-a. Com efeito, todo homem pensa que a injustiça é individualmente mais proveitosa que a justiça, e pensa isto com razão, segundo os partidários desta doutrina. Pois, se alguém recebesse a permissão de que falei e jamais quisesse cometer a injustiça nem tocar no bem de outrem, pareceria o mais infeliz dos homens e o mais insensato àqueles que soubessem da sua conduta; em presença uns dos outros, elogiá-lo-iam, mas para se enganarem mutuamente e por causa do medo de se tomarem vítimas da injustiça. Eis o que eu tinha a dizer sobre este assunto.”

(A Republica - Platão)

“Sócrates — Então, Trasímaco, é evidente que nenhuma arte e nenhum comando provê ao seu próprio benefício, mas, como dizíamos há instantes, assegura e objetiva o do governado, objetivando o interesse do mais fraco, e não o do mais forte. Eis por que, meu caro Trasímaco, que eu dizia há pouco que ninguém concorda de bom grado em governar e curar os males dos outros, mas exige salário, porque aquele que quer exercer

convenientemente a sua arte não faz e não objetiva, na medida em que objetiva segundo essa arte, senão o bem do governado; por estas razões, é necessário pagar um salário aos que concorram em governar, seja em dinheiro, honra ou castigo, se porventura se recusarem. “

(A Republica - Platão)

“Segundo ele, o casamento de amor devia ter o sigilo do adultério. Nada de proclamas. Ninguém devia saber, jamais. Com ardente seriedade, repetia: — “Falo do casamento de amor”. Não sendo de amor, podia ter uma assistência de Fla-Flu. O homem e a mulher deviam casar-se num terreno baldio, à meia-noite, à luz de isqueiros ou de vela. O padre falaria baixinho para que nem os sapos, nem os gafanhotos percebessem. E, depois, os noivos iriam enterrar o amor num túmulo. Ninguém saberia, jamais. Então teriam uma felicidade jamais concebida.”

(Ninguém Pode Saber que Você Ama - Nelson Rodrigues)

“ ... Nhô Augusto fechou os olhos de gastura, porque sabia que capiau de testa peluda, com cabelo quase nos olhos é uma raça de homem capaz de guardar o passado em casa, em lugar fresco, perto do pote e ir buscar da rua outras raivas pequenas, tudo pra juntar a massa mãe do ódio grande, até chegar o dia de tirar vingança. ...”

A hora e a vez de Augusto Matraga – Guimarães Rosa

barafustar

verbo

1. 1.

transitivo indireto e pronominal

adentrar com ímpeto; embarafustar(-se).

"barafustou(-se) pelo bosque atrás do filho"

2. 2.

intransitivo

movimentar o corpo em vários sentidos, descontroladamente; espernear, debater-se.

"conseguiu algemar o ladrão, que barafustava aos gritos"

diadema¹

substantivo masculino

1. 1.
adorno de metal ou estofado, ricamente decorado, que os reis e as rainhas portavam sobre a cabeça.
2. 2.
POR ANALOGIA
joia ou ornato em forma de meia coroa com que as mulheres cingem o toucado e/ou adornam a fronte.

eloquência

Significado de Eloquência

substantivo feminino Competência para discursar, falar, argumentar ou se expressar desembaraçadamente: discursou com eloquência. Habilidade para convencer através do uso das palavras: o prefeito usava a eloquência para persuadir seus eleitores. [Retórica] Aptidão para falar ou discursar muito bem; refere-se à arte de bem falar. [Figurado] Em que há expressividade: a eloquência do seu comportamento; gesticula com eloquência. Etimologia (origem da palavra eloquência). Do latim eloquentia. ae.

Sinônimos de Eloquência

Eloquência é sinônimo

de: oratória, parenética, retórica, veemência, persuasão, persuadição, instigação

Definição de Eloquência

Classe gramatical: substantivo feminino

Separação silábica: e-lo-quên-ci-a

Plural: eloquências

grandiloquência

Significado de Grandiloquência

substantivo feminino Maneira empolgada de se expressar; que se vale do uso excessivo de palavras rebuscadas para se expressar. Etimologia (origem da palavra grandiloquência). Grandíloquo + ência.

Definição de Grandiloquência

Classe gramatical: substantivo feminino

Separação silábica: gran-di-lo-quên-ci-a

Plural: grandiloquências

Exemplos com a palavra grandiloquência

A **grandiloquência** se estende em quase todos os aspectos do metrô moscovita (www.Folha de S.Paulo, 13/08/2009)

Principal compositor da Itália no século 19, Giuseppe Verdi (1813-1901) conseguiu nesta ópera a síntese entre a **grandiloquência** do estilo francês e a riqueza melódica da escola italiana.Folha de S.Paulo, 22/05/2011

Mas a **grandiloquência** do aparelho é, ao mesmo tempo, qualidade e defeito.Folha de S.Paulo, 27/08/2011

barafustar

Significado de Barafustar

verbo intransitivoDebater-se, agitar-se desordenadamente.Meter-se com violência.Bracejar; estrebuchar.

Sinônimos de Barafustar

Barafustar é sinônimo de: [espernear](#), [estrebuchar](#), [bracejar](#)

Definição de Barafustar

Classe gramatical: **verbo intransitivo, verbo pronominal, verbo transitivo circunstancial e verbo transitivo indireto**

Tipo do verbo barafustar: **regular**

Separação silábica: **ba-ra-fus-tar**

“ Esta é a história da família de Isaque, filho de Abraão: Abraão gerou Isaque, 20 o qual aos quarenta anos se casou com Rebeca, filha de Betuel, o arameu de Padã-Arãc, e irmã de Labão, também arameu. 21 Isaque orou ao SENHOR em favor de sua mulher, porque era estéril. O SENHOR respondeu à sua oração, e Rebeca, sua mulher, engravidou. 22 Os meninos se empurravam dentro dela, pelo que disse: “Por que está me acontecendo isso?” Foi então consultar o SENHOR.

23 Disse-lhe o SENHOR: “Duas nações estão em seu ventre, já desde as suas entranhas dois povos se separarão; um deles será mais forte que o outro, mas o mais velho servirá ao mais novo”. “

...

“ Isaque Abençoa Jacó

1 Tendo Isaque envelhecido, seus olhos ficaram tão fracos que ele já não podia enxergar. Certo dia chamou Esaú, seu filho mais velho, e lhe disse: “Meu filho!” Ele respondeu: “Estou aqui”.

2 Disse-lhe Isaque: “Já estou velho e não sei o dia da minha morte.

3 Pegue agora suas armas, o arco e a aljava, e vá ao campo caçar alguma coisa para mim.

4 Prepare-me aquela comida saborosa que tanto aprecio e traga-me, para que eu a coma e o abençoe antes de morrer”.

5 Ora, Rebeca estava ouvindo o que Isaque dizia a seu filho Esaú. Quando Esaú saiu ao campo para caçar,

6 Rebeca disse a seu filho Jacó: “Ouvi seu pai dizer a seu irmão Esaú:

7 ‘Traga-me alguma caça e prepare-me aquela comida saborosa, para que eu a coma e o abençoe na presença do SENHOR antes de morrer’.

8 Agora, meu filho, ouça bem e faça o que lhe ordeno:

9 Vá ao rebanho e traga-me dois cabritos escolhidos, para que eu prepare uma comida saborosa para seu pai, como ele aprecia.

10 Leve-a então a seu pai, para que ele a coma e o abençoe antes de morrer”. 11 Disse Jacó a Rebeca, sua mãe: “Mas o meu irmão Esaú é homem peludo, e eu tenho a pele lisa. 12 E se meu pai me apalpar? Vai parecer que estou tentando enganá-lo, fazendo-o de tolo e, em vez de bênção, trarei sobre mim maldição”. 13 Disse-lhe sua mãe: “Caia sobre mim a maldição, meu filho. Faça apenas o que eu digo: Vá e traga-os para mim”. 14 Então ele foi, apanhou-os e os trouxe à sua mãe, que preparou uma comida saborosa, como seu pai apreciava. 15 Rebeca pegou as melhores roupas de Esaú, seu filho mais velho, roupas que tinha em casa, e colocou-as em Jacó, seu filho mais novo. 16 Depois cobriu-lhe as mãos e a parte lisa do pescoço com as peles dos cabritos, 17 e por fim entregou a Jacó a refeição saborosa e o pão que tinha feito. 18 Ele se dirigiu ao pai e disse: “Meu pai”. Respondeu ele: “Sim, meu filho. Quem é você?” 19 Jacó disse a seu pai: “Sou Esaú, seu filho mais velho. Fiz como o senhor me disse. Agora, assente-se e coma do que cacei para que me abençoe”. 20 Isaque perguntou ao filho: “Como encontrou a caça tão depressa, meu filho?” Ele respondeu: “O SENHOR, o seu Deus, a colocou no meu caminho”. 21 Então Isaque disse a Jacó: “Chegue mais perto, meu filho, para que eu possa apalpá-lo e saber se você é realmente meu filho Esaú”. 22 Jacó aproximou-se do seu pai Isaque, que o apalpou e disse: “A voz é de Jacó, mas os braços são de Esaú”. 23 Não o reconheceu, pois seus braços estavam peludos como os de Esaú, seu irmão; e o abençoou. 24 Isaque perguntou-lhe outra vez: “Você é mesmo meu filho Esaú?” E ele respondeu: “Sou”. 25 Então lhe disse: “Meu filho, traga-me da sua caça para que eu coma e o abençoe”. Jacó a trouxe, e seu pai comeu; também trouxe vinho, e ele bebeu. 26 Então seu pai Isaque lhe disse: “Venha cá, meu filho, dê-me um beijo”. 27 Ele se aproximou e o beijou. Quando sentiu o cheiro de suas roupas, Isaque o abençoou, dizendo: “

(Livro do Gênesis)

“Ah, o cheiro de meu filho é como o cheiro de um campo que o SENHOR abençoou.

28 Que Deus lhe conceda do céu o orvalho e da terra a riqueza, com muito cereal e muito vinho. 29 Que as nações o sirvam e os povos se curvem diante de você. Seja senhor dos seus irmãos, e curvem-se diante de você os filhos de sua mãe. Malditos sejam os que o amaldiçoarem e benditos sejam os que o abençoarem”. 30 Quando Isaque acabou de abençoar Jacó, mal tendo ele saído da presença do pai, seu irmão Esaú chegou da caçada. 31 Ele também preparou uma comida saborosa e a trouxe a seu pai. E lhe disse: “Meu pai, levante-se e coma da minha caça, para que o senhor me dê sua bênção”. 32 Perguntou-lhe seu pai Isaque: “Quem é você?” Ele respondeu: “Sou Esaú, seu filho mais velho”. 33 Profundamente abalado, Isaque começou a tremer muito e disse: “Quem então apanhou a caça e a trouxe para mim? Acabei de comê-la antes de você entrar e a ele abençoei; e abençoado ele será!” 34 Quando Esaú ouviu as palavras de seu pai, deu um forte grito e, cheio de amargura, implorou ao pai: “Abençoe também a mim, meu pai!” 35 Mas ele respondeu: “Seu irmão chegou astutamente e recebeu a bênção que pertencia a você”. 36 E disse Esaú: “Não é com razão que o seu nome é Jacó? Já é a segunda vez que ele me engana! Primeiro tomou o meu direito de filho mais velho, e agora recebeu a minha bênção!” Então perguntou ao pai: “O senhor não reservou nenhuma bênção para mim?” 37 Isaque respondeu a Esaú: “Eu o constituí senhor sobre você, e a todos os seus parentes tornei servos dele; a ele supri de cereal e de vinho. Que é que eu poderia fazer por você, meu filho?” 38 Esaú pediu ao pai: “Meu pai, o senhor tem apenas uma bênção? Abençoe-me também, meu pai!” Então chorou Esaú em alta voz. 39 Seu pai Isaque respondeu-lhe: “Sua habitação será longe das terras férteis, distante do orvalho que desce do alto céu. 40 Você viverá por sua espada e servirá a seu irmão. Mas quando você não suportar mais, arrancará do pescoço o jugo”.

“ Então viu Arjuna, nos dois exércitos, homens ligados a ele pelos vínculos do sangue: pais, avós, mestres, primos, filhos, netos, sogros, colegas e outros amigos - todos armados em guerra contra ele:

Com o coração dilacerado de dor e profundamente condoído, assim falou ele:

- Ó Krishna! Ao reconhecer como meus parentes todos esses homens, que devo matar, sinto os meus membros paralisados, a língua ressequida no paladar, o coração a tremer e os cabelos eriçados na cabeça... Falha a força do meu braço... Cai-me por terra o arco que tendera... Mal me tenho em pé... Ardem-me em febre os membros... Confusos estão os meus pensamentos... A própria vida parece fugir de mim... “

Sociedade sem escolas – Ivan Ilich

Gandhi

Henry David Thoreau - Desobediência civil - 1848

Carlos Castaneda

Don Quixote – Miguel de Cervantes

O Ponto de Mutação - Fritjof Capra – 1982

A igreja do Diabo – Machado de Assis



idiossincrasia

Resultado de dicionário para idiossincrasia

substantivo feminino

1. 1.
MEDICINA

predisposição particular do organismo que faz que um indivíduo reaja de maneira pessoal à influência de agentes exteriores (alimentos, medicamentos etc.).

2. 2.
característica comportamental peculiar a um grupo ou a uma pessoa.

“ ... soltou o freio do cavalo e deixou que Rocinante o guiasse ao encontro das melhores aventuras ... ”

ia que trata da condição do famoso e valente fidalgo dom quixote de la mancha e de como a exercita

...

Numa aldeia da Mancha, de cujo nome não quero me lembrar, não faz muito tempo vivia um fidalgo desses de lança no cabide, adarga antiga, pangaré magro e galgo corredor.

...

— Quem duvida que, nos tempos futuros, quando sair à luz a história verídica de meus famosos feitos, o mago que os escrever não o faça desta maneira, quando contar esta minha primeira saída tão cedo?: “Mal o rubicundo Apolo havia estendido pela face da ampla e vasta terra as douradas madeixas de seus formosos cabelos, e mal os pequenos e coloridos passarinhos com suas línguas afinadas haviam

saudado com doce e melíflua harmonia a vinda da rosada aurora, que, deixando a macia cama do ciumento marido, pelas portas e varandas do horizonte da Mancha aos mortais se mostrava, quando o famoso cavaleiro dom Quixote de la Mancha, abandonando seu ocioso colchão de penas, montou em seu famoso cavalo Rocinante e começou a andar pelo antigo e conhecido campo de Montiel”.

...

(Don Quixote – Miguel de Cervantes)

VENALIDADE

... “ A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? “ ...

(A Igreja do Diabo, de Machado de Assis)

O Ponto de Mutação - Fritjof Capra – 1982



Ao término de um período de decadência sobre vêm o ponto de mutação. A luz poderosa que fora banida ressurgiu. Há movimento, mas este não é gerado pela força... O movimento é natural, surge espontaneamente. Por essa razão, a transformação do antigo torna-se fácil. O velho é descartado, e o novo é introduzido. Ambas as medidas se harmonizam com o tempo, não resultando daí, portanto, nenhum dano.

"A ciência avança através de respostas provisórias, conjecturais, em direção a uma série cada vez mais sutil de perguntas que penetram cada vez mais fundo na essência dos fenômenos naturais"

Louis Pasteur

...

Uma das principais lições que os físicos tiveram que aprender neste século foi o fato de que todos os conceitos e teorias que usamos para descrever a natureza são limitados. Em virtude das limitações essenciais da mente racional, temos de aceitar o fato de que, como disse Werner Heisenberg, "toda palavra e todo conceito, por mais claros que possam parecer, têm apenas uma limitada gama de aplicabilidade". As teorias científicas não estarão nunca aptas a fornecer uma descrição completa e definitiva da realidade. Serão sempre aproximações da verdadeira natureza das coisas. Em termos claros: os cientistas não lidam com a verdade; eles lidam com descrições da realidade limitadas e aproximadas.

...

Isaac Newton era uma personalidade muito mais complexa do que se poderá deduzir da leitura de seus escritos científicos. Notabilizou-se não só como cientista e matemático, mas também, em várias fases de sua vida, como jurista, historiador e teólogo, e estava profundamente envolvido em pesquisas sobre o oculto e o conhecimento esotérico. Via o mundo como um enigma e acreditava que as chaves para sua compreensão podiam ser encontradas não só através dos experimentos científicos como também das revelações crípticas das

tradições esotéricas. Newton foi tentado a pensar, como Descartes, que sua mente poderosa seria capaz de desvendar os segredos do universo, e decidiu servir-se dela, com igual intensidade, no estudo da ciência natural tanto quanto no da ciência esotérica. Enquanto trabalhava, no Trinity College, Cambridge, nos Principia, acumulou, ao longo de todos esses anos, volumosas notas sobre alquimia, textos apocalípticos, teorias teológicas não-ortodoxas e várias matérias ligadas ao ocultismo. A maioria de seus escritos esotéricos nunca foi publicada, mas o que deles se conhece indica que Newton, o grande gênio da revolução científica, foi também o "último dos mágicos"

. . .

“ Quando estruturas sociais e padrões de comportamento tornam-se tão rígidos que a sociedade não pode mais adaptar-se a situações cambiantes, ela é incapaz de levar avante o processo criativo de evolução cultural. Entra em colapso e, finalmente, desintegra-se. Enquanto as civilizações em crescimento exibem uma variedade e uma versatilidade sem limites, as que estão em processo de desintegração mostram uniformidade e ausência de inventividade. A perda de flexibilidade numa sociedade em desintegração é acompanhada de uma perda geral de harmonia entre seus elementos, o que inevitavelmente leva ao desencadeamento de discórdias e à ruptura social. Entretanto, durante o doloroso processo de desintegração, a criatividade da sociedade — sua capacidade de resposta a desafios — não se acha completamente perdida. Embora a corrente cultural principal tenha se petrificado após insistir em idéias fixas e padrões rígidos de comportamento, minorias criativas aparecerão em cena e darão prosseguimento ao processo de desafio-e-resposta. As instituições sociais dominantes recusar-se-ão a entregar seus papéis de protagonistas a essas novas forças culturais, mas continuarão inevitavelmente a declinar e a desintegrar-se, e as minorias criativas poderão estar aptas a transformar alguns dos antigos elementos, dando-lhes uma nova configuração. O processo de evolução cultural continuará então, mas em novas circunstâncias e com novos protagonistas. ”

. . .

7. O impasse da economia

O triunfo da mecânica newtoniana nos séculos XVIII e XIX estabeleceu a física como o protótipo de uma ciência "pesada" pela qual todas as outras ciências eram medidas. Quanto mais perto os cientistas estiverem de emular os métodos da física e quanto mais capazes eles forem de usar os conceitos dessa ciência, mais elevado será o prestígio das disciplinas a que se dedicam, junto da comunidade científica. No nosso século, essa tendência para adotar a física newtoniana como modelo para teorias e conceitos científicos tornou-se uma séria desvantagem em muitas áreas, mas, mais do que em qualquer outra, na das ciências sociais *. Estas têm sido tradicionalmente consideradas as ciências mais "brandas", e os cientistas sociais tentaram arduamente adquirir respeitabilidade adotando o paradigma cartesiano e os métodos da física newtoniana. Entretanto, a estrutura cartesiana é, com freqüência, inteiramente inadequada para os fenômenos que esses cientistas descrevem; por conseguinte, seus modelos tornaram-se cada vez menos realistas. Hoje, isso é particularmente evidente na economia. A economia atual caracteriza-se pelo enfoque reducionista e fragmentário típico da maioria das ciências sociais. De um modo geral, os economistas não reconhecem que a economia é meramente um dos aspectos de todo um contexto ecológico e social: um sistema vivo composto de seres humanos em contínua interação e com seus recursos naturais, a maioria dos quais, por seu turno, constituída de organismos vivos. O erro básico das

167

Ciências sociais consiste em dividir essa textura em fragmentos supostamente independentes, dedicando-se a seu estudo em departamentos universitários separados. Assim, os cientistas políticos tendem a negligenciar forças econômicas básicas, ao passo que os economistas não incorporam em seus modelos as realidades sociais e políticas. Essas abordagens fragmentárias também se refletem no governo, na cisão entre a política social e a econômica e, especialmente nos Estados Unidos, no labirinto de comissões e subcomissões do Congresso, onde essas questões são debatidas.

O próprio comércio, em seus primeiros tempos, tinha escassa motivação econômica e era mais freqüentemente uma atividade sagrada e cerimonial, relacionada com o parentesco e os costumes de família.

...

“ Muitas sociedades arcaicas usaram o dinheiro, incluindo moedas metálicas, mas estas eram usadas para pagamento de impostos e salários, não para circulação geral. Normalmente não existia o objetivo de lucro individual em decorrência de atividades econômicas; a própria idéia de lucro, para não citar a de juros, era inconcebível ou banida. Organizações econômicas de grande complexidade, envolvendo uma elaborada divisão do trabalho, eram inteiramente operadas pelo mecanismo de armazenamento e redistribuição de mercadorias comuns, como o cereal “

...

“ A propriedade privada só se justificava na medida em que servia ao bem-estar de todos. De fato, a palavra "privada" provém do latim "privare" ("despojar", "privar de"), o que mostra a antiga concepção de que a propriedade era, em primeiro lugar, comunal. Quando as sociedades passaram dessa visão comunal, de participação, para concepções mais individualistas e auto-afirmativas, as pessoas deixaram de considerar a propriedade privada um bem de que determinados indivíduos privavam o resto do grupo; de fato, o significado do termo foi invertido, a partir de então, ao se instituir que a propriedade devia ser privada, antes de mais nada, e que a sociedade não deveria privar o indivíduo disso sem o devido apoio da lei. “

(O Ponto de Mutação - Fritjov Kapra)

“Por que devemos desinstalar a escola

Muitos estudantes, especialmente os mais pobres, percebem intuitivamente o que a escola faz por eles. Ela os escolariza para confundir processo com substância. Alcançado isto, uma nova lógica entra em jogo: quanto mais longa a escolaridade, melhores os resultados; ou, então, a graduação leva ao sucesso. O aluno é, desse modo, «escolarizado» a confundir ensino com aprendizagem, obtenção de graus com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo. Sua imaginação é «escolarizada» a aceitar serviço em vez de valor. Identifica erroneamente cuidar da saúde com tratamento médico, melhoria da vida comunitária com assistência social, segurança com proteção policial, segurança nacional com aparato militar, trabalho produtivo com concorrência desleal. Saúde, aprendizagem, dignidade, independência e faculdade criativa são definidas como sendo um pouquinho mais que o produto das instituições que dizem servir a estes fins; e sua promoção está em conceder maiores recursos para a administração de hospitais, escolas e outras instituições semelhantes. “

(Ivan_Illich_- Sociedade Sem Escolas)

“Aceito com entusiasmo o lema "O melhor governo é o que menos governa"; e gostaria que ele fosse aplicado mais rápida e sistematicamente. Levado às últimas conseqüências, este lema significa o seguinte, no que também creio: "O melhor governo é o que não governa de modo algum"; e, quando os homens estiverem preparados, será esse o tipo de governo que terão. O governo, no melhor dos casos, nada mais é do que um artifício conveniente; mas a maioria dos governos é por vezes uma inconveniência”

(Henry David Thoreau)

“A melhor coisa a ser feita em prol da cultura do seu tempo por um homem rico é realizar os planos que tinha quando ainda era pobre. Cristo respondeu aos seguidores de Herodes de acordo com a situação deles. "Mostrem-me o dinheiro dos tributos", disse ele; e um deles tirou do bolso uma moeda. Disse então Jesus Cristo: "Se vocês usam o dinheiro com a imagem de César, dinheiro que ele colocou em circulação e ao qual ele deu valor, ou seja, se vocês são homens do Estado e estão felizes de se aproveitar das vantagens do governo de

César, então paguem-no por isso quando ele o exigir. Portanto, dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus"; Cristo não lhes disse nada sobre como distinguir um do outro; eles não queriam saber isso."

(Henry David Thoreau)

A GENEALOGIA DA MORAL

LIVRO PRIMEIRO

CAPÍTULO I

Que trata da condição e exercício do famoso fidalgo D. Quixote de La Mancha.



NUM lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo, dos de lança em cabido, adarga antiga, rocim fraco, e galgo corredor.

"... - Meu Deus!

Que não eram se não moinhos de vento?

Eu não disse ao senhor que visse bem o que fazia?

Só mesmo alguém que tivesse outros moinhos de vento na cabeça poderia ter ignorado esse fato ... " (*)

Enfim, ele se embrenhou tanto na leitura que passava as noites lendo até clarear e os dias até escurecer; e assim, por dormir pouco e ler muito, secou-lhe o cérebro de maneira que veio a perder o juízo. Sua imaginação se encheu de tudo aquilo que lia nos livros, tanto de encantamentos como de duelos, batalhas, desafios, feridas, galanteios, amores, tempestades e disparates impossíveis; e se assentou de tal modo em sua mente que todo aquele amontoado de invenções fantasiosas parecia verdadeiro: para ele não havia outra história mais certa no mundo.

“Outrora, os melhores pensavam pelos idiotas; hoje, os idiotas pensam pelos melhores. Criou-se uma situação realmente trágica: — ou o sujeito se submete ao idiota ou o idiota o extermina.”

Nelson Rodrigues

Aceito com entusiasmo o lema "O melhor governo é o que menos governa"; e gostaria que ele fosse aplicado mais rápida e sistematicamente. Levado às últimas conseqüências, este lema significa o seguinte, no que também creio: "O melhor governo é o que não governa de modo algum"; e, quando os homens estiverem preparados, será esse o tipo de governo que terão. O governo, no melhor dos casos, nada mais é do que um artifício conveniente; mas a maioria dos governos é por vezes uma inconveniência, e todo o governo algum dia acaba por ser inconveniente.

Henry David Thoreau - Desobediência civil - 1848

“Mas como veio ao mundo aquela outra "coisa sombria", a consciência da culpa, a "má consciência"? - Com isso voltamos aos nossos genealogistas da moral. Mais uma vez afirmo - ou será que ainda não disse? Uma experiência própria muito estreita, "moderna"; nenhum conhecimento do passado, nenhuma vontade

de conhecê-lo; tampouco instinto histórico, uma "segunda visão" necessária justamente nisso e contudo se ocupar da história da moral: isto só pode conduzir a resultados cuja relação com a verdade é bem mais do que frágil. Esses genealogistas da moral teriam sequer sonhado, por exemplo, que o grande conceito moral de "culpa" teve origem no conceito muito material de "dívida? Ou que o castigo, sendo reparação, desenvolveu-se completamente à margem de qualquer suposição acerca da liberdade ou não-liberdade da vontade? - e isto ao ponto de se requerer primeiramente um alto grau de humanização, para que o animal "homem" comece a fazer aquelas distinções bem mais elementares, como "intencional", "negligente", "casual", "responsável" e seus opostos, e a levá-las em conta na atribuição do castigo. O pensamento agora tão óbvio, aparentemente tão natural e inevitável, que teve de servir de explicação para como surgiu na terra o sentimento de justiça, segundo o qual "o criminoso merece castigo porque podia ter agido de outro modo", é na verdade uma forma bastante tardia e mesmo refinada do julgamento e do raciocínio humanos; quem a desloca para o início, engana-se grosseiramente quanto à psicologia da humanidade antiga. Durante o mais largo período da história humana, não se castigou porque se responsabilizava o delinqüente por seu ato, ou seja, não pelo pressuposto de que apenas o culpado devia ser castigado - e sim como ainda hoje os pais castigam seus filhos, por raiva devida a um dano sofrido, raiva que se desafoga em quem o causou; mas mantida em certos limites, e modificada pela idéia de que qualquer dano encontra seu equivalente e pode ser realmente compensa do, mesmo que seja com a dor do seu causador. De onde retira sua força esta idéia antiqüíssima, profundamente arraigada, agora talvez inerradicável, a idéia da equivalência entre dano e dor? Já revelei: na relação contratual entre credor e devedor, que é tão velha quanto a existência de "pessoas jurídicas", e que por sua vez remete às formas básicas de compra, venda, comércio, troca e tráfico. “

"No Brasil, os mais atingidos são os muitos meninos, que, sem oportunidades e sem perspectivas de uma vida melhor, são identificados como os "traficantes", morrendo e matando, envolvidos pela violência causada pela ilegalidade imposta ao mercado onde trabalham. Enfrentam a polícia nos confrontos regulares ou irregulares; enfrentam os delatores; enfrentam os concorrentes de seu negócio. Devem se mostrar corajosos; precisam assegurar seus lucros efêmeros, seus pequenos poderes, suas vidas. Não vivem muito e, logo, são substituídos por outros meninos igualmente sem esperanças. Os que sobrevivem, superlotam as prisões brasileiras."

"A proibição causa violência. Não são as drogas que causam violência, mas sim a ilegalidade imposta ao mercado. A produção e o comércio de drogas não são atividades violentas em si mesmas. É a ilegalidade que cria a violência. A produção e o comércio de drogas só se fazem acompanhar de armas e de violência quando se desenvolvem em um mercado ilegal. A violência não provém apenas dos enfrentamentos com as forças policiais, da impossibilidade de resolução legal dos conflitos, ou do estímulo à circulação de armas. Além disso, há a diferenciação, o estigma, a demonização, a hostilidade, a exclusão, derivados da própria idéia de crime, a sempre gerar violência, seja da parte de agentes policiais, seja da parte daqueles a quem é atribuído o papel do "criminoso", ou, pior, do "inimigo".

"A proibição provoca maiores riscos e danos à saúde: impede a fiscalização da qualidade das substâncias comercializadas; sugere o consumo descuidado e não higiênico; dificulta a busca de assistência; constrói preconceitos desinformadores e obstáculos às ações sanitárias; cria a atração do proibido, acabando por estimular o consumo especialmente por parte de adolescentes."

Quando as formas primitivas de vida apareceram na Terra, há cerca de 4 bilhões de anos — meio bilhão de anos após a formação do planeta —, elas eram organismos unicelulares sem um núcleo celular e se pareciam com algumas das bactérias de hoje. Esses assim chamados procariotos viviam sem oxigênio, porquanto havia pouco ou nenhum oxigênio livre na atmosfera. Mas tão logo os microrganismos se originaram, eles começaram a modificar seu meio ambiente e a criar condições macroscópicas para a evolução subsequente da vida. Nos dois bilhões de anos seguintes, alguns procariotos produziram oxigênio através da fotossíntese, até atingir seus atuais níveis de concentração na atmosfera terrestre. Assim ficou montado o palco para o surgimento de células mais complexas, que passariam a respirar oxigênio e seriam capazes de formar tecidos celulares e organismos multicelulares. A etapa importante evolutiva que se seguiu foi o aparecimento dos eucariotos, organismos unicelulares cujo núcleo contém em seus cromossomos o material genético do organismo. Foram essas células que, mais tarde, formaram organismos multicelulares. De acordo com Lynn Margulis, co-autor da hipótese de Gaia, as células eucarióticas originaram-se a partir de uma simbiose entre numerosos procariotos que continuaram vivendo como organelas dentro do novo tipo de célula³⁴. Mencionamos os dois tipos de organelas — mitocôndrios e cloroplastos — que regulam os mecanismos da respiração complementar de animais e plantas. Eles nada mais são do que os antigos procariotos, os quais continuam gerindo a casa de força que abastece de energia o sistema planetário Gaia, como fizeram nos quatro bilhões de anos passados.

Além da complementaridade das tendências auto-afirmativas e integrativas, que pode ser observada em todos os níveis dos sistemas estratificados da natureza, os organismos vivos apresentam um outro par de fenômenos dinâmicos complementares que são aspectos essenciais de auto-organização. Um deles, que pode ser descrito em termos gerais como autoconservação, inclui os processos de auto-renovação, cura, homeostase e adaptação. O outro, que parece representar uma tendência oposta mas complementar, é o processo de autotransformação e

autotranscendência, um fenômeno que se expressa nos processos de aprendizagem, desenvolvimento e evolução. Os organismos vivos têm um potencial inerente para se superar a si mesmos a fim de criar novas estruturas e novos tipos de comportamento. Essa superação criativa em busca da novidade, a qual, no devido tempo, leva a um desdobramento ordenado da complexidade, parece ser uma propriedade fundamental da vida, uma característica básica do universo que — pelo menos por ora — não possui maior explicação. Podemos, entretanto, explorar a dinâmica e os mecanismos da autotranscendência na evolução de indivíduos, espécies, ecossistemas, sociedades e culturas.

À semelhança de todas as outras criaturas vivas, pertencemos a ecossistemas e também formamos nossos próprios sistemas sociais. Finalmente, em nível ainda maior, há a biosfera, o ecossistema do planeta inteiro, do qual nossa sobrevivência é profundamente dependente. Não consideramos usualmente esses sistemas mais extensos organismos individuais — à semelhança de plantas, animais ou pessoas —, mas uma nova hipótese científica faz precisamente isso no mais amplo nível acessível. Estudos detalhados do modo como a biosfera parece regular a composição química do ar, a temperatura na superfície da Terra e muitos outros aspectos do meio ambiente planetário levaram o químico James Lovelock e a microbióloga Lynn Margulis a sugerir que tais fenômenos só podem ser entendidos se o planeta, como um todo, for considerado um único organismo vivo. Reconhecendo que sua hipótese representa o renascimento de um poderoso mito antigo, os dois cientistas chamaram-lhe a hipótese de Gaia, do nome da deusa grega da Terra 25.

O planeta está não só palpitante de vida, mas parece ser ele próprio um ser vivo e independente

Por exemplo, o clima da Terra nunca foi totalmente desfavorável à vida desde que apareceram as primeiras formas de vida, há cerca de 4 bilhões de anos. Durante esse longo período de tempo, a radiação proveniente do sol aumentou, pelo menos, 30 por cento. Se a Terra fosse simplesmente um objeto sólido inanimado, a temperatura de sua superfície acompanharia a produção de energia solar, o que significa que a Terra inteira seria uma esfera gelada durante mais de 1 bilhão de anos. Sabemos, pelas informações geológicas, que essas condições adversas nunca existiram. O planeta manteve uma temperatura razoavelmente constante em sua superfície durante toda a evolução da vida, tal como um organismo humano mantém constante a temperatura do corpo, apesar de condições ambientais variáveis. Exemplos semelhantes de auto-regulação podem ser observados com relação a outras propriedades ambientais, como a composição química da atmosfera, o conteúdo salino dos oceanos e a distribuição de vestígios de elementos entre plantas e animais. Tudo isso é regulado por intrincadas redes cooperativas que exibem as propriedades dos sistemas auto-organizadores. A Terra é, pois, um sistema vivo; ela funciona não apenas como um organismo, mas, na realidade, parece ser um organismo Gaia, um ser planetário vivo. Suas propriedades e atividades não podem ser previstas com base na soma de suas partes; cada um de seus tecidos está ligado aos demais, todos eles interdependentes; suas muitas vias de comunicação são altamente complexas e não-lineares; sua forma evoluiu durante bilhões de anos e continua evoluindo. Essas observações foram feitas num contexto científico, porém transcendem largamente o âmbito da ciência. À semelhança de muitos outros aspectos do novo paradigma, elas refletem uma profunda consciência ecológica, que é, em última instância, espiritual. “...1

No mundo dos microrganismos, os vírus estão entre as criaturas mais intrigantes, existindo na fronteira entre a matéria viva e a não-viva. São auto-suficientes, somente em parte, estão vivos apenas numa acepção limitada. Os vírus são incapazes de funcionar e multiplicar-se fora das células vivas. São imensamente mais simples do que qualquer microrganismo, e os mais simples dentre eles consistem em apenas um ácido nucléico, adn ou arn. De fato, fora das células os vírus não mostram sinais aparentes de vida. São simplesmente substâncias químicas e exibem estruturas moleculares altamente complexas mas completamente regulares¹¹. Em alguns casos,

é até possível isolar os vírus, decompô-los, purificar seus componentes e depois compô-los de novo, sem destruir sua capacidade de funcionamento.

Benjamim, o burro, era o animal mais idoso da fazenda e o mais moderado, raramente falava e quando o fazia era para emitir uma observação sônica, para dizer, por exemplo, que Deus lhe dera uma cauda para espantar as moscas e que, no entanto, seria mais do seu agrado, não ter nem a cauda, nem as moscas. ... "



“José, carpinteiro e homem de paz, combatente dessas pacíficas armas que se chamam plaina e enxó, maço e martelo, ou pregos e cavilhas, tem, para com estes ferrabrases, um sentimento misto, muito de temor, algo de desprezo, que não o deixa ser natural, nem mesmo na simples maneira de olhar. Por isso vai passando de olhos baixos, e é Maria, aquela que sempre está metida em casa, e nestas semanas mais resguardada ainda, oculta numa cova, onde só é visitada por uma escrava, é Maria quem tudo vai olhando em redor, curiosa, com o queixinho levantado de compreensível orgulho, pois leva ali o seu primogénito, ela, uma fraca mulher, mas muito capaz, como se vê, de dar filhos a Deus e a seu marido. Tão irradiante vai em sua felicidade que uns toscos e brutos mercenários gauleses, louros, de grandes bigodes pendentes, armas postas, mas afinal, supõe-se, de tenro coração diante deste renovo do mundo que é uma jovem mãe com o seu primeiro filho, estes guerreiros endurecidos sorriram à passagem da família, com podres dentes sorriram, é certo, mas o que conta é a intenção.”

.....

“Mas tu, Belém, tão pequena entre as famílias de Judá, é de ti que me há-de sair aquele que governará em Israel.”.....

...

“Vamo-nos embora, vamo-nos embora, e Maria olhou sem perceber, Que nos vamos embora, perguntou, e ele, Sim, agora mesmo, Mas tu tinhas dito, Cala-te e enrola as coisas, enquanto arreio o burro, Não ceamos primeiro, Cearemos no caminho, Não tarda que seja noite, vamo-nos perder, então José deu um grito, Cala-te, já disse, e faz o que te mando. Saltaram as lágrimas a Maria, era a primeira vez que o marido lhe levantava a voz, e sem mais palavra começou a arrumar e embalar os poucos haveres, Depressa, depressa, repetia ele, ao tempo que punha a

albarda no burro e apertava a cilha, depois, ao acaso, enchia os seirões com o que apanhava à mão, misturando tudo, perante o assombro de Maria, que não reconhecia o seu marido. Já estavam em pé de marcha, não faltava mais que cobrir de terra o lume e sair, quando José, tendo feito sinal à mulher para que não viesse com ele, se aproximou da entrada da gruta e espreitou para fora. Um crepúsculo cinzento confundia o céu com a terra. O sol ainda não se pusera, mas a névoa espessa, se estava bastante alta para não prejudicar a visão dos campos em redor, impedia que a luz se espalhasse. José apurou o ouvido, deu alguns passos, e de repente eriçaram-se de pavor os cabelos, alguém gritara na aldeia, um grito agudíssimo que nem parecera de uma voz humana, e logo depois, ainda os ecos pareciam ressoar de colina a colina, um clamor de novos gritos e prantos encheu a atmosfera, não eram os anjos chorando sobre a desgraça dos homens, eram os homens enlouquecendo debaixo de um céu vazio. Devagar, como se temesse que o ouvissem, José recuou para a entrada da cova, esbarrando com Maria que não acatara a ordem. Toda ela tremia, Que gritos são aqueles, perguntou, mas o marido não lhe respondeu, empurrou-a para dentro e, em movimentos rápidos, começou a lançar terra sobre a fogueira. Que gritos eram aqueles, tornou a perguntar Maria, invisível na escuridão, e José respondeu, depois de um silêncio, Estão a matar gente. Fez uma pausa e acrescentou, como em segredo, Crianças, por ordem de Herodes, a voz quebrou-se num soluço seco, Por isso quis que partíssemos. Ouviu-se um rumor de panos e de palha mexida, Maria levantava o filho da manjedoura e apertava-o ao peito, Jesus, que te querem matar, a última palavra afogaram-na as lágrimas, Cala-te, disse José, não faças rumor, pode ser que os soldados não venham aqui, a ordem é para matar as crianças de Belém com menos de três anos, Como soubeste, Ouvi dizer no Templo, por isso vim a correr para aqui, E agora, que fazemos, Estamos fora da aldeia, não é natural que os soldados venham passar revista a todas estas covas, a ordem deve ter sido só para ir às casas, que ninguém nos denuncie e salvamo-nos.”

.....

“Disse o anjo, Um homem bom que cometeu um crime, não imaginas quantos antes dele os cometeram também, é que os crimes dos homens bons não têm conta, e, ao contrário do que se pensa, são os únicos que não podem ser perdoados.”

Os sacerdotes são, como sabemos, os mais terríveis inimigos - por quê? Porque são os mais impotentes. Na sua impotência, o ódio toma proporções monstruosas e sinistras, torna-se a coisa mais espiritual e venenosa. Na história universal, os grandes odiadores sempre foram sacerdotes, também os mais ricos de espírito - comparado ao espírito da vingança sacerdotal, todo espírito restante empalidece. A história humana seria uma tolice, sem o espírito que os impotentes lhe trouxeram - tomemos logo o exemplo maior. Nada do que na terra se fez contra "os nobres", "os poderosos", "os senhores", "os donos do poder", é remotamente comparável ao que os judeus contra eles fizeram; os judeus, aquele povo de sacerdotes que soube desforrar-se de seus inimigos e conquistadores apenas através de uma radical tresvaloração dos valores deles, ou seja, por um ato da mais espiritual vingança. Assim convinha a um povo sacerdotal, o povo da mais entranhada sede de vingança sacerdotal. Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação de valores aristocrática (bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses), e com unhas e dentes (os dentes do ódio mais fundo, o ódio impotente) se apegaram a esta inversão, a saber, "os miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem-aventurança - mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados!...".

Genealogia da Moral

PRIMEIRA DISSERTAÇÃO

"Bom e mau" "bom e ruim"

...

"as ações não egoístas foram louvadas e consideradas boas por aqueles aos quais eram feitas, aqueles aos quais eram úteis; mais tarde foi esquecida essa origem do louvor, e as ações não egoístas, pelo simples fato de terem sido costumeiramente tidas como boas, foram também sentidas como boas como se em si fossem algo bom."

...

Foram os "bons" mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu.

...

o duradouro, dominante sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em sua relação com uma estirpe baixa, com um "sob" – eis a origem da oposição "bom" e "ruim". (O direito senhorial de dar nomes vai tão longe, que nos permitiríamos conceber a própria origem da linguagem como expressão de poder dos senhores: eles dizem "isto é isto", marcam cada coisa e acontecimento com um som, como que apropriando-se assim das coisas.)

...

todas elas remetem à mesma transformação conceitual - que, em toda parte, "nobre", "aristocrático", no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu "bom", no sentido de "espiritualmente nobre", "aristocrático", de "espiritualmente bem-nascido", "espiritualmente privilegiado": um desenvolvimento que sempre

corre paralelo àquele outro que faz "plebeu", "comum", "baixo" transmutar-se finalmente em "ruim".

...

Teógnis de Megara.

...

Com os sacerdotes tudo se torna mais perigoso, não apenas meios de cura e artes médicas, mas também altivez, vingança, perspicácia, dissolução, amor, sede de domínio, virtude, doença - mas com alguma eqüidade se acrescentaria que somente no âmbito dessa forma essencialmente perigosa de existência humana, a sacerdotal, é que o homem se tornou um animal interessante, apenas então a alma humana ganhou profundidade num sentido superior, e tornou-se má - e estas são as duas formas fundamentais da superioridade até agora ti da pelo homem sobre as outras bestas!...

...

Os sacerdotes são, como sabemos, os mais terríveis inimigos - por quê? Porque são os mais impotentes. Na sua impotência, o ódio toma proporções monstruosas e sinistras, torna-se a coisa mais espiritual e venenosa. Na história universal, os grandes odiadores sempre foram sacerdotes, também os mais ricos de espírito - comparado ao espírito da vingança sacerdotal, todo espírito restante empalidece. A história humana seria uma tolice, sem o espírito que os impotentes lhe trouxeram - tomemos logo o exemplo maior. Nada do que na terra se fez contra "os nobres", "os poderosos", "os senhores", "os donos do poder", é remotamente comparável ao que os judeus contra eles fizeram; os judeus, aquele povo de sacerdotes que soube desforrar-se de seus inimigos e conquistadores apenas através de uma radical tresvaloração⁹ dos valores deles, ou seja, por um ato da mais espiritual vingança. Assim convinha a um povo sacerdotal, o povo da mais entranhada sede de vingança sacerdotal. Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação de valores aristocrática (bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses), e com unhas e dentes (os dentes do ódio mais fundo, o

ódio impotente) se apegaram a esta inversão, a saber, "os miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem-aventurança - mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados!...".

...

- Mas vocês não compreendem? Não têm olhos para algo que necessitou dois mil anos para alcançar a vitória?... Não é de admirar: tudo o que é longo é difícil de ver, ver inteiro. Mas isto é o que aconteceu: do tronco daquela árvore da vingança e do ódio, do ódio judeu - o mais profundo e sublime, o ódio criador de ideais e recriador de valores, como jamais existiu sobre a terra - dele brotou algo igualmente incomparável, um novo amor, o mais profundo e sublime de todos os tipos de amor - e de que outro tronco poderia ele ter brotado?... Mas não se pense que tenha surgido como a negação daquela avidez de vingança, como a antítese do ódio judeu!

...

Uma raça de tais homens do ressentimento resultará necessariamente mais inteligente¹⁰ que qualquer raça nobre, e venerará a inteligência numa medida muito maior: a saber, como uma condição de existência de primeira ordem, enquanto para os homens nobres ela facilmente adquire um gosto sutil de luxo e refinamento - pois neles ela está longe de ser tão essencial quanto a completa certeza de funcionamento dos instintos reguladores inconscientes, ou mesmo uma certa imprudência, como a valente precipitação, seja ao perigo, seja ao inimigo, ou aquela exaltada impulsividade na cólera, no amor, na veneração, gratidão, vingança, na qual se têm reconhecido os homens nobres de todos os tempos.

...

Precisamente o oposto do que sucede com o nobre, que primeiro e espontaneamente, de dentro de si, concebe a noção básica de "bom", e a partir dela cria para si uma representação de "ruim". Este "ruim" de origem

nobre e aquele "mau" que vem do caldeirão do ódio insatisfeito - o primeiro uma criação posterior, secundária, cor complementar; o segundo, o original, o começo, o autêntico feito na concepção de uma moral escrava - como são diferentes as palavras "mau" e "ruim", ambas aparentemente opostas ao mesmo sentido de "bom": perguntemo-nos quem é propriamente "mau", no sentido da moral do ressentimento. A resposta, com todo o rigor: precisamente o "bom" da outra moral, o nobre, o poderoso, o dominador, apenas pintado de outra cor, interpretado e visto de outro modo pelo olho de veneno do ressentimento.

...

- Mas voltemos atrás: o problema da outra origem do "bom", do bom como concebido pelo homem do ressentimento, exige sua conclusão. - Que as ovelhas tenham rancor às grandes aves de rapina não surpreende: mas não é motivo para censurar às aves de rapina o fato de pegarem as ovelhinhas. E se as ovelhas dizem entre si: "essas aves de rapina são más; e quem for o menos possível ave de rapina, e sim o seu oposto, ovelha - este não deveria ser bom?", não há o que objetar a esse modo de erigir um ideal, exceto talvez que as aves de rapina assistirão a isso com ar zombeteiro, e dirão para si mesmas: "nós nada temos contra essas boas ovelhas, pelo contrário, nós as amamos: nada mais delicioso do que uma tenra ovelhinha". - Exigir da força que não se expresse como força, que não seja um quererdominar, um querer-vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força.

...

não é de espantar que os afetos entranhados que ardem ocultos, ódio e vingança, tirem proveito dessa crença, e no fundo não sustentem com fervor maior outra crença senão a de que o forte é livre para ser fraco, e a ave de rapina livre para ser ovelha - assim adquirem o direito de imputar à ave de rapina o fato de ser o que é... Se os oprimidos, pisoteados, ultrajados exortam uns aos outros, dizendo, com a vingativa astúcia da impotência: "sejamos outra coisa que não os maus, sejamos bons! E bom é todo aquele que não ultraja, que a ninguém fere, que não ataca, que não acerta contas,

que remete a Deus a vingança, que se mantém na sombra como nós, que foge de toda maldade e exige pouco da vida, como nós, os pacientes, humildes, justos"

...

O sujeito (ou, falando de modo mais popular, a alma) foi até o momento o mais sólido artigo de fé sobre a terra, talvez por haver possibilitado à grande maioria dos mortais, aos fracos e oprimidos de toda espécie, enganar a si mesmos com a sublime falácia de interpretar a fraqueza como liberdade, e o seu ser-assim como mérito.

...

A fraqueza é mentirosamente mudada em mérito, não há dúvida - é como você disse" - Prossiga! - "e a impotência que não acerta contas é mudada em 'bondade'; a baixeza medrosa, em 'humildade'; a submissão àqueles que se odeia em 'obediência' (há alguém que dizem impor esta submissão - chamam-no Deus). O que há de inofensivo no fraco, a própria covardia na qual é pródigo, seu aguardar-na-porta, seu inevitável ter-de-esperar, recebe aqui o bom nome de 'paciência', chama-se também a virtude; o não-poder-vingar-se chama-se não-querer-vingar-se, talvez mesmo perdão ('pois eles não sabem o que fazem! - somente nós sabemos o que eles fazem!'). Falam também do 'amor aos inimigos' - e suam ao falar disso." - Prossiga! - "São miseráveis, não há dúvida, esses falsificadores e cochichadores dos cantos, embora se mantenham aquecidos agachando-se apertados - mas eles me dizem que sua miséria é uma eleição e distinção por parte de Deus, que batemos nos cães que mais amamos; talvez essa miséria seja uma preparação, uma prova, um treino, talvez ainda mais - algo que um dia será recompensado e pago com juro enormes, em ouro, não! em felicidade. A isto chamam de 'bem-aventurança', 'beatitude'. - Prossiga! - "Agora me dão a entender que não apenas são melhores que os poderosos, os senhores da terra cujo escarro têm de lamber (não por temor, de modo algum por temor! e sim porque Deus ordena que seja honrada a autoridade)'o - que não apenas são melhores, mas também 'estão melhores', ou de qualquer modo estarão um dia.

...

a visitaram por esses dias tiveram motivos para acreditar que ela perdera o juízo. Nunca, porém, esteve mais lúcida que então. Desde antes de começar a matança política ela passava as lúgubres manhãs de outubro diante da janela de seu quarto, compadecendo-se dos mortos e pensando que se Deus não tivesse descansado no domingo teria tido tempo para acabar o mundo. _Devia ter aproveitado esse dia para não deixar tantas coisas mal feitas _ dizia. _ Afinal de contas, ele tinha toda a eternidade para descansar.” Retirado de “A Viúva de Montiel”, - do livro “Os Funerais da Mamãe Grande” de Gabriel Garcia Marquez

NÓS TAMBÉM SOMOS CARNE Imagine um mundo onde a carne dos animais servisse de alimento aos seres inteligentes daquele planeta. Um mundo de seres tão inteligentes e avançados que entre eles não havia matadores profissionais, nem comerciantes de carne, o dinheiro não era o fim, não era o motivo de suas vidas . A carne dos animais para eles servia só de alimento, cada um matava o que comia. Nesse cenário não fazia sentido uma família à mesa rezar antes de comer, eram seres tão inteligentes que rezavam antes de matar o que iam comer, como que pedindo perdão, tamanha a consciência que tinham do que faziam.

Um anel para todos governar

Um anel para encontra-los

Um anel para a todos trazer e na escuridão aprisiona-los

“3 anéis para os reis élficos sob este céu

7 para os senhores anões em seus rochosos corredores

9 para homens mortais fadados ao eterno sono
1 para o senhor do escuro em seu escuro trono
Na terra de Mordor, onde as sombras se deitam
1 anel para a todos governar
1 anel para encontra-los
1 anel para a todos trazer e na escuridão aprisiona-los”

“ Penso que devemos ser primeiro homens e só depois súditos (...) A única obrigação que tenho o direito de assumir é a de fazer em qualquer tempo o que julgo ser correto “

Úrsula perguntou por onde tinham ido os ciganos, continuou perguntando no caminho que lhe indicaram e pensando que ainda tinha tempo de alcança-los, continuou se afastando da aldeia até que teve consciência de estar tão longe, que já não pensou mais em voltar. “ ,,,

...” Durante o dia, caindo de sono, gozava, em segredo, as lembranças da noite anterior, mas quando ela entrava em casa alegre, diferente e desbocada, ele não tinha que fazer nenhum esforço para dissimular a sua atenção, porque aquela mulher cujo riso explosivo espantava os pombos, não tinha nada que ver com o poder invisível que o ensinava a respirar para dentro e a controlar as batidas do coração e que lhe tinha permitido entender porque os homens tem medo da morte.” ,,,

... “ Na neblina da convalescência, rodeado pelas empoeiradas bonecas de Remédios, o Coronel Aureliano Buendia evocou na leitura dos seus versos, os instantes decisivos da sua existência. Voltou a escrever. Durante muitas

horas ao lado dos sobressaltos de uma guerra sem futuro, traduziu em versos rimados as suas experiências na corda da morte. Então os seus pensamentos se fizeram tão claros que os pode examinar pelo direito e pelo avesso. Uma noite perguntou ao Coronel Gerineldo Marquez: _ Diga uma coisa compadre, por que você está brigando? _ Por que há de ser, compadre? _ Respondeu o coronel Gerineldo Marquez. _ Pelo grande partido liberal. _ Feliz é você, que sabe disso, eu de minha parte, só agora percebo que estou brigando por orgulho. _ Isso é ruim. _ Disse o coronel Gerineldo Marquez. _ O Coronel Aureliano Buendia se divertiu com o seu sobressalto. _ Naturalmente. _ Disse.

_ Em todo caso, é melhor isso que não saber porque se briga. _ Olhou nos olhos e acrescentou sorrindo. _ Ou brigar com você por alguma coisa que não significa nada para ninguém.” ...

... “ Logo que levaram o cadáver, Rebeca fechou as portas da casa e se enterrou em vida, coberta por uma grossa camada de desdém que nenhuma tentação terrena conseguiu romper.” ...

A hora e a vez de Augusto Matraga

“ ... Nhô Augusto fechou os olhos de gastura, porque sabia que capiau de testa peluda, com cabelo quase nos olhos é uma raça de homem capaz de guardar o passado em casa, em lugar fresco, perto do pote e ir buscar da rua outras raivas pequenas, tudo pra juntar a massa mãe do ódio grande, até chegar o dia de tirar vingança. ...”

A Revolução dos Bichos

“ ... Benjamim, o burro, era o animal mais idoso da fazenda e o mais moderado, raramente falava e quando o fazia era para emitir uma observação sônica, para dizer, por exemplo, que Deus lhe dera uma cauda para espantar as moscas e que, no entanto, seria mais do seu agrado, não ter nem a cauda, nem as moscas. Era o único dos animais que nunca ria, Quando lhe perguntavam o porquê, falava que não via motivos para risos ... ? ”

“ ... O velho Benjamim, o burro, nada mudara após a revolução, executava sua tarefa da mesma forma obstinadamente lenta com que fazia nos tempos de Jones, não se esquivava ao trabalho normal, mas nunca era voluntário para extraordinários. Sobre a revolução e seus resultados, não emitia opinião, quando lhe perguntavam, se não era mais feliz agora que Jones havia ido, respondia apenas: - Os burros vivem muito tempo, nenhum de vocês, jamais viu um burro morto. E os outros tinham que se contentar com essa obscura resposta. ,,,”

“... Apenas o velho Benjamim afirmava lembrar-se de cada detalhe de sua longa vida e saber que as coisas nunca haviam estado e nunca haveriam de ficar, nem muito melhor, nem muito pior. Sendo a fome, o cansaço e a decepção, assim dizia, a lei imutável da vida. ...”

Outro demônio, parceiro de demolições de igrejas, escaladas de edifícios, consumo de bebidas e cigarros escondidos, escapadas de castigos, entre outros delitos que não cabe mencionar.